

RAIMUNDA DE JESUS MATOS SILVA



ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO:

memórias da luta pela terra no
Assentamento Palmeiral-Vietnã em
Esperantinópolis-MA



HISTÓRIA

2024

CAPA
MARIA DA CONCEIÇÃO RUFINO DE MATOS

DIAGRAMAÇÃO
MARIA DA CONCEIÇÃO RUFINO DE MATOS

TEXTO
RAIMUNDA DE JESUS MATOS SILVA

REVISÃO
VIVIANE DE OLIVEIRA BARBOSA



Silva, Raimunda de Jesus Matos.

Ensino de História e Educação do Campo: memórias da luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã em Esperantinópolis-MA. / Raimunda de Jesus Matos Silva. – São Luís, 2024.

91 f.; il.

Produto Educacional da Dissertação “Memórias da luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã em Esperantinópolis - MA: Caderno Didático, Ensino de História e Educação do Campo”.

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837

ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO:

memórias da luta pela terra no Assentamento
Palmeiral-Vietnã em Esperantinópolis-MA



Imagem 1 – Entrada principal da comunidade Palmeiral
Fonte: Elaborada pela autora (2023)



APRESENTAÇÃO

Olá queridos(as) professores(as) e estudantes!

É com imensa gratidão que apresentamos este Caderno Didático, que articula Ensino de História e Educação do Campo e se volta à luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã, em Esperantinópolis-MA, com atenção especial para as memórias de trabalhadores(as) rurais da comunidade Palmeiral, que estiveram presentes nos conflitos ou que contaram com alguém de sua família nesse contexto de luta. Esta história está ficando no esquecimento e precisa fazer parte da cultura escolar.

Em pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIST/UEMA, constatamos a inexistência de materiais didáticos que oportunizem a efetivação prática da Educação do Campo e de um Ensino de História comprometido em evidenciar as lutas de camponeses(as), normalmente sem espaço no currículo escolar.

Para amenizar essa lacuna, elaboramos este Caderno Didático, que apresentamos como um meio real de aproximar a história local ao público de professores(as) e estudantes da Escola Municipal Jefferson Moreira. Elaboramos este caderno para o Ensino de História no 9º ano do Ensino Fundamental, todavia,

ele pode ser trabalhado em outros anos/turmas e disciplinas, de acordo com o planejamento dos(as) docentes. Também pode ser adaptado para um trabalho didático em outras escolas do campo no município de Esperantinópolis-MA. A aventura de aprendizagem proposta neste caderno está organizada em duas seções e, a seguir, a professora Rita, nossa personagem, apresenta o que consta em cada seção do caderno.



APRESENTAÇÃO

Oi pessoal, eu sou Rita! Estou feliz por embarcar nessa aventura com vocês! Mas, o que temos neste material? 1ª Seção – Encontramos a identificação dos assentamentos existentes em Esperantinópolis-MA, conhecemos o Assentamento Palmeiral-Vietnã e a comunidade Palmeiral. 2ª Seção – Temos narrativas de trabalhadores(as) rurais sobre a luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã, com ênfase em memórias de assentados(as) da comunidade Palmeiral. Contamos ainda sobre como os(as) trabalhadores(as) assentados(as) têm usado a terra, e vamos entender um pouco de agricultura familiar nesse assentamento.



Abraço a todos(as) e uma excelente jornada de estudos!



Raimunda de Jesus Matos Silva



PLANEJAMENTO

Amigo(a) professor(a), veja a seguir uma alternativa de planejamento para trabalhar com este Caderno Didático no 9º ano do Ensino Fundamental. Apresentamos as habilidades do Documento Curricular do Território Maranhense – DCTMA e os princípios da Educação do Campo, contemplados em cada seção de conteúdos deste material.

SEÇÃO → O Assentamento Palmeiral-Vietnã em Esperantinópolis-MA.

OBJETO DE CONHECIMENTO → Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira.

CONTEÚDOS → Assentamentos em Esperantinópolis-MA; Conhecendo o Assentamento Palmeiral-Vietnã; Quebradeiras de coco babaçu; A comunidade Palmeiral.

HABILIDADE DO DCTMA → (EF09HI25) Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.

PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO → A formação humana em todas as suas dimensões; leitura crítica e engajada da realidade social; transformação da realidade; valorização da terra como instrumento de vida, de cultura, de produção.

POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS → Leitura compartilhada; discussão reflexiva sobre a história local; produção de textos; construção da linha do tempo sobre as transformações no Assentamento Palmeiral-Vietnã, dando atenção à luta pela terra; orientação aos(as) estudantes para a realização de pesquisa sobre o trabalho das quebradeiras de coco (dividir estudantes em grupos para realização de entrevista com as quebradeiras de coco; cada grupo deve entrevistar duas quebradeiras de coco); seminário para socialização dos resultados das entrevistas realizadas.



PLANEJAMENTO

SEÇÃO → Luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã.

OBJETO DE CONHECIMENTO → Violências contra populações marginalizadas.

CONTEÚDOS → Narrativas da luta pela terra na constituição do assentamento; Memórias de assentados(as) da comunidade Palmeiral; Agricultura familiar no Assentamento Palmeiral-Vietnã: o caso da família Araújo.

HABILIDADE DO DCTMA → (EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres, etc.), com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO → A formação humana em todas as suas dimensões; leitura crítica e engajada da realidade social; transformação da realidade; valorização da terra como instrumento de vida, de cultura, de produção.

POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS → Leitura e debate coletivo; discussão reflexiva sobre os diversos tipos de violência sofridas pelos(as) trabalhadores(as) rurais antes da constituição do assentamento; produção de textos dissertativos; convidar trabalhadores(as) rurais para uma conversa com os(as) alunos(as)

relatando como se deu a luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã; solicitar aos estudantes que pesquisem sobre a importância da agricultura familiar para a proteção da saúde humana, a partir da garantia da alimentação saudável; produzir relatório da pesquisa e apresentar em uma roda de conversa; organizar com os(as) estudantes um seminário aberto para a comunidade, com o objetivo de apresentarem os resultados da aprendizagem usando o Caderno Didático.

SUMÁRIO

1. O ASSENTAMENTO PALMEIRAL-VIETNÃ EM ESPERANTINÓPOLIS-MA-----	11
Assentamentos em Esperantinópolis-MA -----	12
Consolidando a aprendizagem -----	16
Conhecendo o Assentamento Palmeiral-Vietnã-----	19
Consolidando a aprendizagem -----	29
Quebradeiras de coco babaçu -----	30
Consolidando a aprendizagem -----	35
A comunidade Palmeiral -----	36
Consolidando a aprendizagem -----	46
2. LUTA PELA TERRA NO ASSENTAMENTO PALMEIRAL-VIETNÃ -----	48
Narrativas da luta pela terra na constituição do Assentamento -	49
Consolidando a aprendizagem -----	64
Memórias de assentados(as) da comunidade Palmeiral -----	65
Consolidando a aprendizagem -----	75
Agricultura familiar no Assentamento Palmeiral- Vietnã: o caso da família Araújo -----	77
Consolidando a aprendizagem -----	85
REFERÊNCIAS -----	87

O ASSENTAMENTO PALMEIRAL-VIETNÃ EM ESPERANTINÓPOLIS-MA

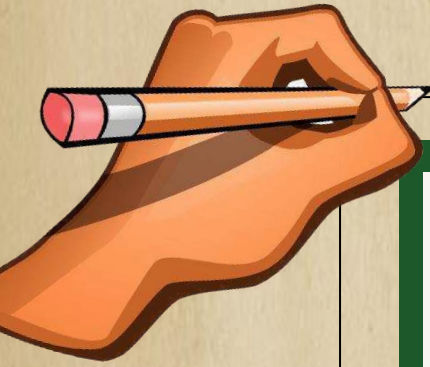
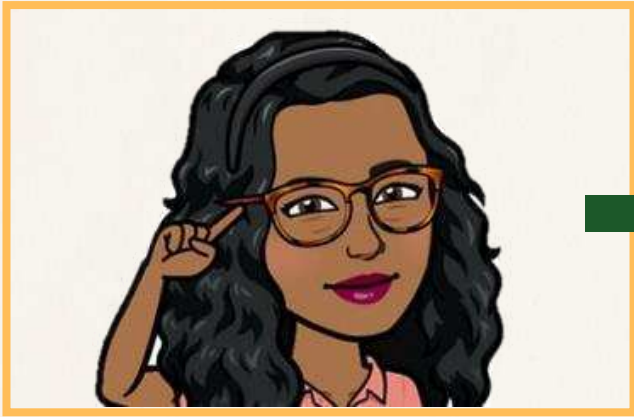


Imagem 3 – Mapa de Esperantinópolis
Fonte: <https://cualbondi.org/br>



Assentamentos em Esperantinópolis - MA

A partir da década de 1970, tivemos vários conflitos agrários no município de Esperantinópolis, localizado na Microrregião do Médio Mearim, 350 km ao sul da capital do Estado do Maranhão, a cidade São Luís. Trabalhadores(as) rurais se organizaram coletivamente em um processo intenso de luta pela terra até 1992, quando os conflitos foram se tornando mais moderados. Observe a localização de Esperantinópolis.



Imagem 4 - Esperantinópolis no Maranhão
Fonte: wikipedia.org



Imagem 5 - Esperantinópolis no Brasil
Fonte: wikipedia.org

Apesar de muitos desafios, a atuação consistente dos(as) trabalhadores(as) rurais foi determinante para a conquista de terras por meio da efetivação dos seguintes assentamentos: Assentamento Palmeiral-Vietnã, Assentamento Cipó/Canaã, Assentamento Furo da Pipa e Assentamento Surucaba (organizados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA), o Assentamento Santa Cruz e o Assentamento Gleba Serraria (regularizados pelo Instituto de Colonização e Terras do Maranhão-ITERMA).

Os conflitos foram muitos e houve mortes de trabalhadores rurais na “Terra da Esperança”, como o município é localmente chamado.

IMPORTANTE: No período mais intenso de conflitos agrários (1970-1992), Esperantinópolis correspondia ao território que hoje compreende três municípios: Esperantinópolis, São Roberto e São Raimundo do Doca Bezerra. Estes dois últimos foram politicamente emancipados em 1994.



O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (ITERMA) são instituições que apoiam trabalhadores(as) rurais na luta pela terra.

Criado pelo Decreto-Lei Nº 1.110, de 9 de julho de 1970, o INCRA atua na execução da reforma agrária e regularização de territórios quilombolas. Criado pela Lei 6.272, de 06 de fevereiro de 1995, o ITERMA executa a política agrária no estado do Maranhão.




Calma! Para continuarmos nossos estudos, me fala aí, você sabe o que é um assentamento? Sabe o que é luta pela terra? Compreende o que é reforma agrária?



Assentamento – Conjunto de unidades de terras, regulamentadas pelo Estado através de ações destinadas à reforma agrária; essas unidades são chamadas de parcelas ou lotes e são destinadas a famílias de agricultores(as) ou trabalhadores(as) rurais sem condições econômicas de adquirir um imóvel rural. O público beneficiado recebe orientações para utilizar de maneira racional os espaços físicos e os recursos naturais ali existentes, para que sejam praticadas vivências e produção sustentáveis, cumprindo a função social da terra, e promovendo condições econômicas, sociais e culturais das famílias que vivem na/da terra.



Imagem 6 – Assentamento de reforma agrária
Fonte: redebrasilatual.com.br

 Luta pela terra – Um movimento social e político dos(as) camponeses(as) para resistir contra o desmonte do capitalismo no tocante ao acesso e direito à terra. Em todos os períodos da história do Brasil, os(as) camponeses lutaram para entrar e permanecer na terra com dignidade, lutaram por sua existência e pela liberdade humana.

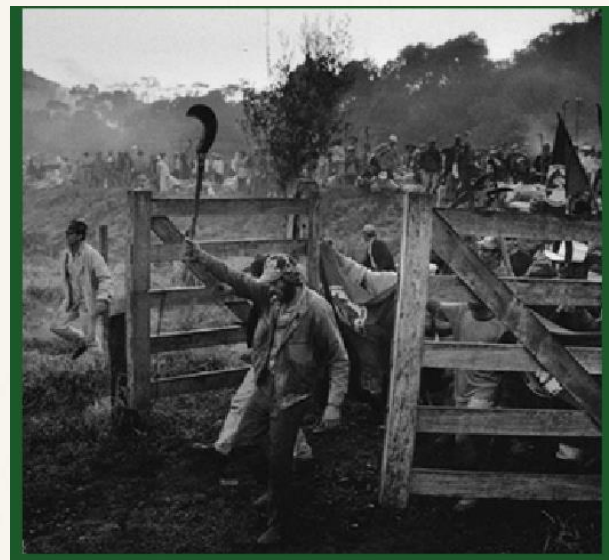


Imagem 7 – Luta pela terra no Paraná
Fonte: tutameia.jor.br



Reforma agrária – Política governamental ou conjunto de medidas destinadas a promover melhor distribuição/redistribuição da terra por meio de mudanças no regime de posse e uso, a fim de cumprir os princípios de justiça social e aumentar a produtividade. Para isso, costuma-se adotar a desapropriação com ou sem indenização dos grandes latifúndios, principalmente os que são improdutivos, transferindo a terra para famílias sem-terra. Com a distribuição/redistribuição da terra, a reforma agrária fortalece a produção de alimentos básicos; o combate à fome e à pobreza; serviços públicos básicos, como saúde e educação; redução da migração rural-urbana; a diversificação do comércio e serviços no meio rural; o bem-estar dos(as) trabalhadores(as) rurais e o desenvolvimento econômico do país.



Vamos consolidar o que aprendemos?

Consolidando a aprendizagem

01

Discorra sobre o período de vários conflitos agrários em Esperantinópolis-MA, destacando os assentamentos conquistados pelos(as) trabalhadores(as) rurais.

Leia com atenção e preencha a cruzadinha abaixo:

1. Instituição que atua na execução da reforma agrária e regularização de territórios quilombolas.
2. Microrregião onde Esperantinópolis está situada.
3. Executa a política agrária no estado do Maranhão.
4. Quantidade de assentamentos conquistados com a atuação dos(as) trabalhadores(as) em Esperantinópolis.

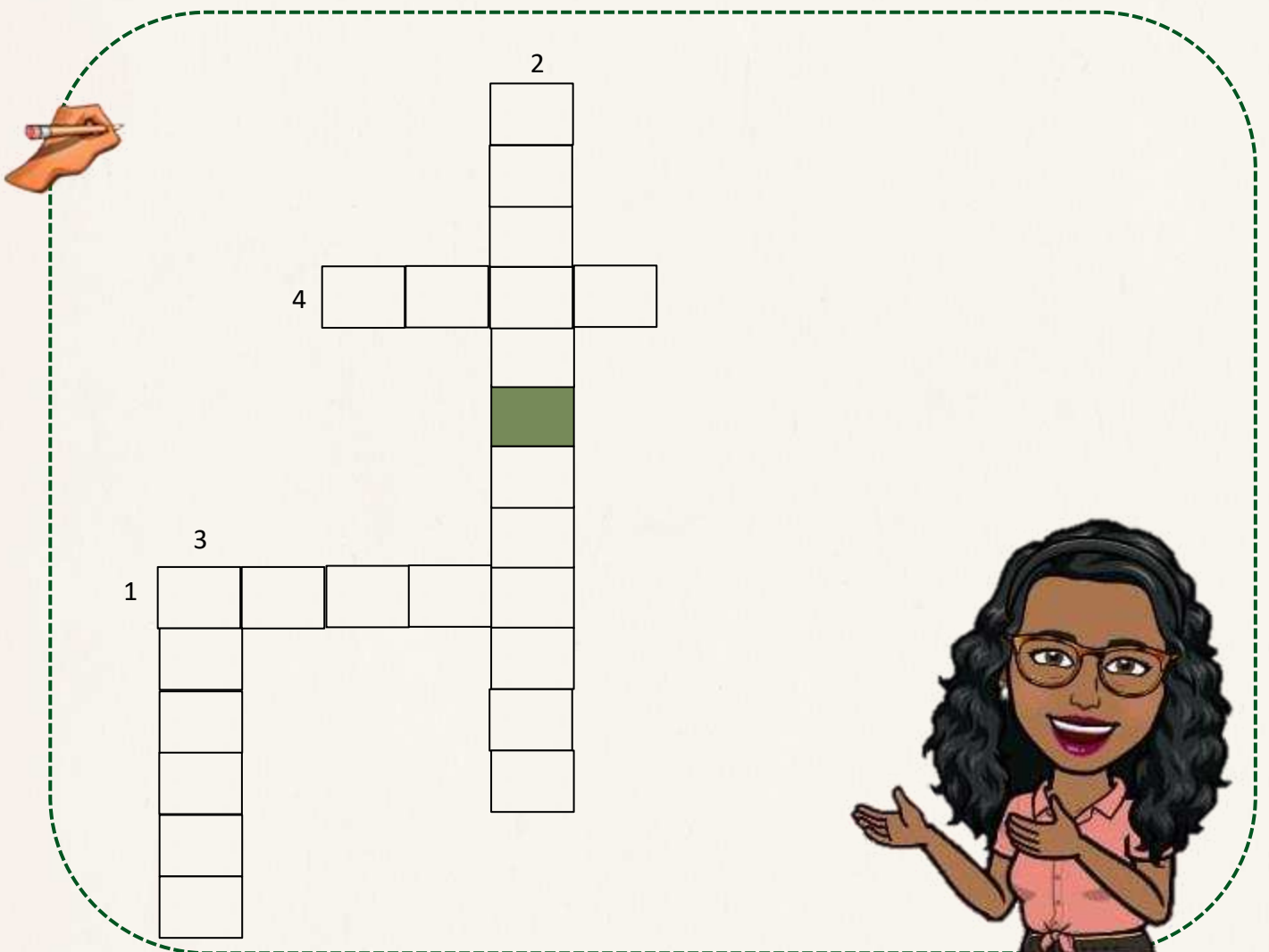


Imagem 8: Croqui do Assentamento Palmeiral -Vietnã

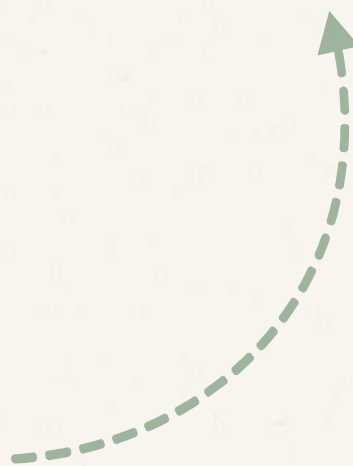


Fonte: Adaptado de G A Projetos e Consultoria Ltda (2023)

Conhecendo o Assentamento Palmeiral-Vietnã

O Assentamento Palmeiral-Vietnã fica no município de Esperantinópolis-MA, e foi oficializado em julho de 1992 pelo INCRA, para assentar 180 famílias em 2.195 ha (hectares) de terras, contemplando as seguintes comunidades: Palmeiral, Bom Princípio, Centro do Coroatá, Lagoinha II, Remanso, Macaúba, Centro do Militão e Santa Filomena.

IMPORTANTE: O que é um hectare de terra? Um hectare, abreviado como ha, mede 10 mil metros quadrados. No Brasil, o hectare é a principal medida do governo federal para qualquer área rural, independentemente do tamanho.

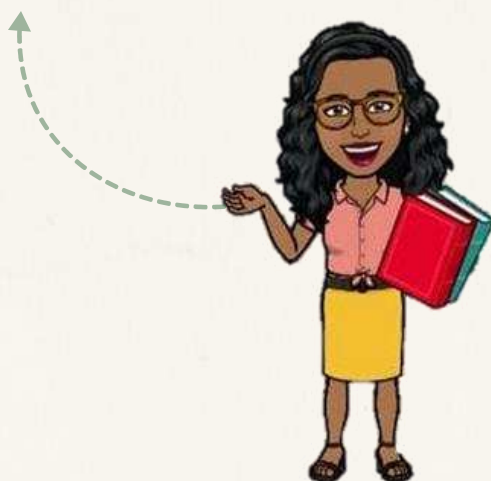


Na década de 1970, um fazendeiro do Ceará, conhecido como Chico Gomes, apropriou-se da extensão territorial que corresponde atualmente ao Assentamento Palmeiral-Vietnã. Adquiriu parte dessas terras por meio de garantias estabelecidas na Lei Nº 2.979 de 17 de junho de 1969, a Lei Sarney de Terras, criada por José Sarney, quando era Governador do Maranhão.

A Lei Sarney de Terras defendia o “desenvolvimento do Estado”, por isso, conforme seu texto, o lavrador maranhense não poderia ser dono de terras porque não ia contribuir para o desenvolvimento do Maranhão.



Pessoal, o governo mapeou e colocou à venda terras estaduais vagas que estavam ocupadas há séculos por posseiros(as) e povos tradicionais. O objetivo era permitir o avanço do capitalismo no estado.



Essas ações fizeram com que a grilagem de terras aumentasse no território maranhense, por consequência cresceu também o número de conflitos agrários.

Posseiros?
Povos Tradicionais?
Grilagem de terra?



Posseiros – São aqueles que ocupam áreas territoriais para garantir sua subsistência cultivando a terra. São pessoas que possuem a terra, mas não são proprietárias legais, por isso carecem de documentos e registro notarial. O tamanho do terreno não afeta a definição de posseiro.

Povos tradicionais – Ou comunidades tradicionais, são grupos culturalmente distintos, têm formas próprias de organização social, ocupam e utilizam territórios e recursos naturais para a reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Mantêm conhecimentos, invenções e práticas criadas e transmitidas através de gerações, em um modo de vida que valoriza o ambiente natural em que vivem.



A população do Brasil é diversa, constam 28 povos e comunidades tradicionais no país: Indígenas, Caatingueiros; Quilombolas, Extrativistas, Ribeirinhos, entre outros.

Fonte: <https://portal.fgv.br>

Grilagem de terras

- Prática criminoso comum no Brasil, que ocorre quando o grileiro se apossa de terras devolutas (terrenos públicos sem destinação) e/ou terrenos de terceiros. Para isso, criam documentos falsos (daí o termo grilagem) porque, para que pareçam antigos e tenham aspecto verossímil, os documentos são guardados em caixas com grilos, que, com seus dejetos, deixam o papel amarelado. Atualmente existe a "grilagem digital de terras" baseada na falsificação de arquivos e documentos virtuais. Mas, o princípio é o mesmo: a posse ilegal de terras públicas pela criação de documentos falsos.



Com os documentos falsos em mãos, os grileiros expulsam moradores antigos de suas terras, usando de violência em muitas situações e, inclusive, envolvendo a formação de milícias (grupo de policiais corruptos).

Sendo considerado “dono” das terras que corresponde ao atual Assentamento Palmeiral-Vietnã, Chico Gomes cobrava aluguel de centenas de famílias que trabalhavam nessa área territorial para garantir seu sustento. A cada ano o valor do aluguel era aumentado pelo fazendeiro, o que deixava os(as) trabalhadores(as) com menos produção para alimentar sua família. Além disso, o rebanho de gados do fazendeiro ficava solto nas terras, comendo a produção dos(as) trabalhadores(as) antes de sua colheita.

As quebradeiras de coco babaçu também tinham seu trabalho prejudicado, eram humilhadas pelo vaqueiro do fazendeiro, quando encontradas quebrando coco “nas terras de Chico Gomes.” Com isso, as mulheres estavam na luta pela terra, apoiando seus maridos e/ou filhos, uma luta que foi fortalecida com a união das famílias de Palmeiral e Centro do Coroatá, que começaram a organizar ações pela desapropriação da fazenda e, pouco tempo, depois tiveram a adesão das famílias de Bom Princípio na luta.



Agora vamos lembrar
o que é
desapropriação?!

Desapropriação

Desapropriação corresponde à perda do direito de propriedade sobre determinado bem. De acordo com a Constituição Federal, em seu art. 184, o imóvel rural que não cumprir sua função social será desapropriado mediante “prévia e justa indenização”.

Agora que você já sabe o que é a desapropriação de um imóvel rural, que tal conhecer um pouco sobre as etapas que fazem parte do processo de desapropriação pelo INCRA?



Passo a passo do processo de desapropriação:

- 1 Processo - O proprietário do imóvel rural é notificado e a área é vistoriada pelo INCRA para fiscalizar o cumprimento da função social.
- 2 Decreto - Publicação de um decreto presidencial (conhecido como Decreto de Desapropriação), que declara o imóvel como de interesse social para fins de reforma agrária.
- 3 Ação - Com o Decreto de Desapropriação publicado no Diário Oficial da União, o INCRA ajuíza uma Ação de Desapropriação.
- 4- Indenização - O INCRA não toma a terra do fazendeiro. Na desapropriação, a autarquia paga uma indenização ao proprietário em valores de mercado.
- 5- Imissão na posse - Assim que o INCRA apresenta os títulos emitidos e faz o depósito do dinheiro em juízo, a Justiça Federal imite a autarquia na posse do imóvel.

Fonte: www.gov.br/incra



Acesse o QR code
e saiba mais!



Todas as etapas do processo de desapropriação de um imóvel rural foram devidamente cumpridas na criação do Projeto do Assentamento (PA) Palmeiral-Vietnã. E, para que cumprisse sua função social, ficaram legalmente definidas três reservas de preservação ambiental, localizadas nas três maiores comunidades do assentamento: em Palmeiral, a Reserva A, no Centro do Coroatá, a Reserva B, e em Bom Princípio, a Reserva C.



Existem três explicações, a primeira foi identificada por Veloso (2019), ao entrevistar uma liderança sindical da comunidade Centro do Coroatá, segundo a qual o nome Palmeiral-Vietnã foi uma indicação do técnico do INCRA que fez a vistoria da área.

O técnico teria observado que, na época, era rotineira a ocorrência de conflitos entre as próprias comunidades (Palmeiral, Coroatá e Bom Princípio) e, além disso, teria sugerido o nome porque a primeira reunião com os(as) trabalhadores(as) rurais aconteceu na comunidade Palmeiral.

As outras duas explicações sobre o nome Palmeiral-Vietnã foram coletadas junto a assentados(as) da comunidade Palmeiral, os(as) quais afirmaram ser Vietnã uma menção ao nome da fazenda de Chico Gomes (a fazenda que ficava no assentamento). Nesse caso, o nome teria se unido ao termo Palmeiral, que nomeia a comunidade onde se iniciou a organização dos(as) camponeses(as) na luta pela terra. Existe ainda a justificativa de que o nome Vietnã remete à guerra ocorrida no Vietnã (1959-1975), país do Sudeste Asiático, que passou por conflitos entre Vietnã do Norte e Vietnã do Sul, época em que se lutava pela unificação do país sob a liderança de quem vencesse.

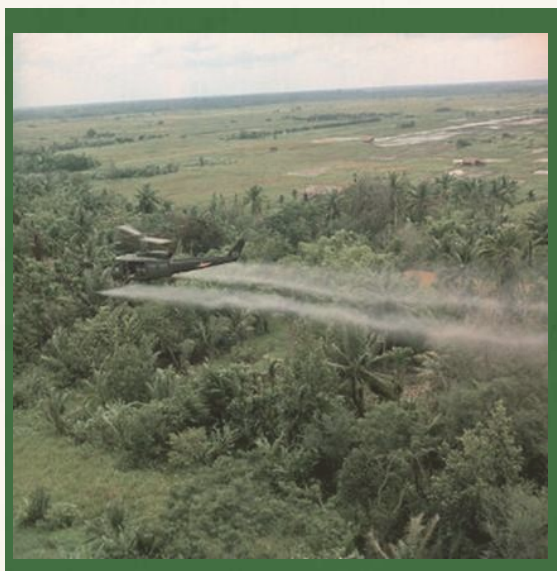


Imagem 9: Helicóptero americano em ação na guerra do Vietnã
Fonte: brasilecola.uol.com.br



Olha só! Aqui nós temos a ação de helicóptero americano na guerra do Vietnã e, ao lado, consta um QR code, que você pode acessar para conhecer um pouco mais sobre essa guerra.

Devido à variedade de documentos e informações, encontramos alterações na grafia do nome do assentamento, escritas como: Assentamento Palmeiral-Vietnã, Assentamento Palmeiral/Vietnã ou Assentamento Palmeiral-Vietnam.



O primeiro Decreto de Desapropriação do imóvel rural de Chico Gomes foi o de Nº 96.243, de 30 de junho de 1988, que identifica as terras do fazendeiro como “[...] Imóvel Rural denominado “Bom Princípio, Cajueiro de Baixo, São Pedro”, também conhecido como “Data Palmeiral” ou “Fazenda Vietnam”.



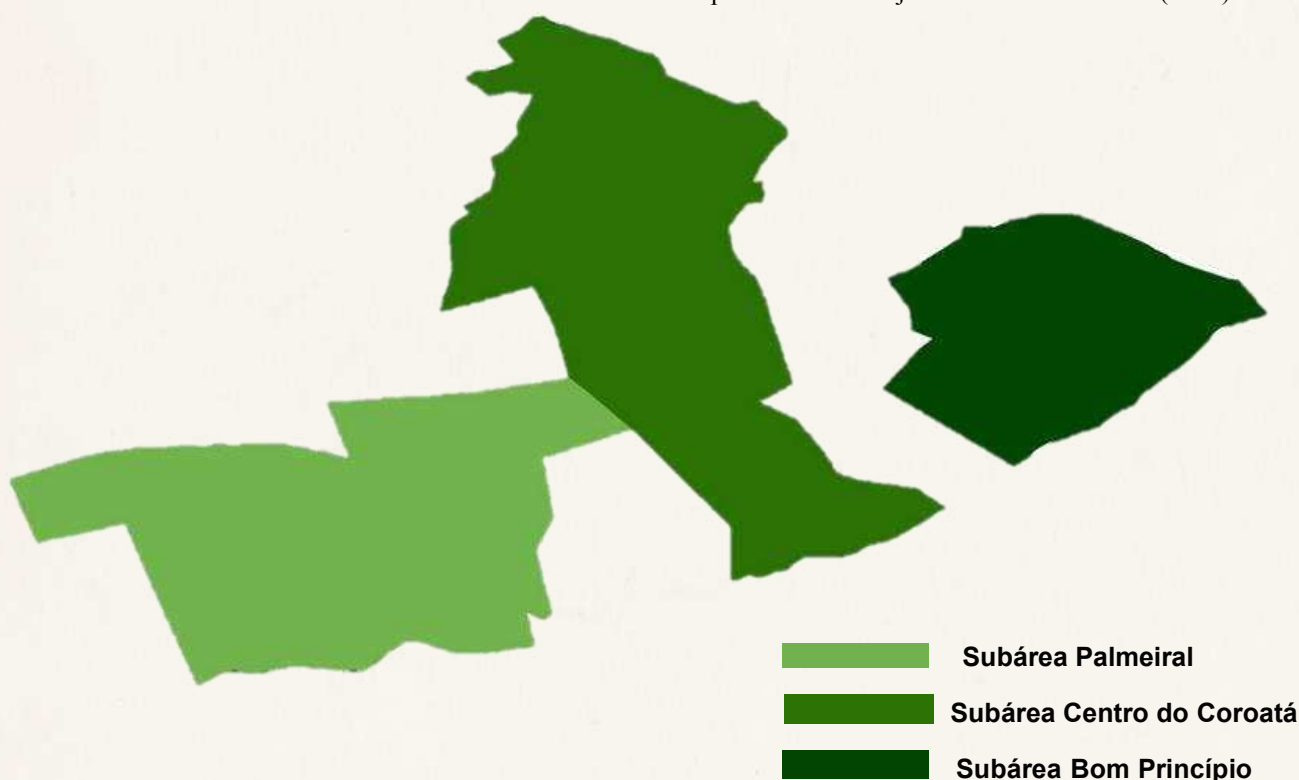
IMPORTANTE: O Decreto de Desapropriação de Nº 96.243, de 30 de junho de 1988, deixa claro o interesse de desapropriação em parte do imóvel rural:

“Art. 3º - É facultado ao proprietário o direito de escolher uma área contínua, correspondente a 25% (vinte e cinco por cento) do imóvel [...]”.

Este foi revogado pelo decreto de 5 de setembro de 1991, que reafirmou as declarações de interesse social, para fins de desapropriação das terras para a reforma agrária.

Apesar dos dois decretos, o Projeto do Assentamento Palmeiral-Vietnã só foi oficializado pelo INCRA no ano de 1992, sendo dividido em três subáreas, assentando um total de 180 famílias, distribuídas da seguinte forma: Subárea Palmeiral - 62, Subárea Centro do Coroatá – 80, e Subárea Bom Princípio – 38. Cada uma dessas famílias recebeu originalmente um lote de 13 a 15 ha (hectares) de terras.

Imagem 10: Croqui do Assentamento Palmeiral-Vietnã
Fonte: Adaptado de G A Projetos e Consultoria Ltda (2023)



Consolidando a aprendizagem



01

O Assentamento Palmeiral-Vietnã é uma das conquistas de terras em Esperantinópolis-MA. Por quem e quando ele foi oficializado e como é sua subdivisão?

02

Conhecida como Lei Sarney de Terras, a Lei de Nº 2.979 de 17 de junho de 1969, fomentou a grilagem de terras no Maranhão. Por que temos a compreensão de que este dispositivo contribuiu para aumentar essa prática?

03

Elabore um resumo das explicações encontradas sobre a escolha do nome do Assentamento Palmeiral-Vietnã.



Quebradeiras de coco babaçu



Imagem 11: Coco babaçu
Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Em 1992, os(as) trabalhadores(as) já contavam com o apoio da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (ASSEMA), uma organização associativa, sem fins lucrativos e/ou econômicos, de caráter regional, que foi fundada em 1989 e é administrada por extrativistas do coco babaçu, passando a dar apoio técnico aos assentados(as) para melhorar a produtividade sustentável.



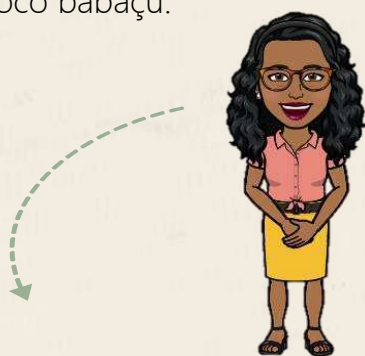
Imagem 12: Sede da ASSEMA
Fonte: Relatório-narrativo-anual-2018.



O endereço da sede da ASSEMA é: Rua da Prainha, 551, Pedreiras - MA, CEP - 65725-000.



Com a atuação da ASSEMA, foi criada pelos(as) trabalhadores(as) rurais e quebradeiras de coco babaçu, em 26 de setembro de 1992, a Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis (COOPAESP), com o objetivo de valorizar o preço dos alimentos produzidos, como arroz, milho, feijão e as amêndoas do coco babaçu.



O Assentamento Palmeiral-Vietnã conseguiu a implantação dos chamados núcleos da COOPAESP nas comunidades Palmeiral, Centro do Coroatá e Lagoinha. São as mulheres, as quebradeiras de coco, que estão nos núcleos da COOPAESP no Assentamento Palmeiral-Vietnã contribuindo para a renda da família.



Imagem 13: Núcleo da COOPAESP em Palmeiral
Fonte: Elaborada pela autora (2023)



A principal atividade desenvolvida por elas é a extração do mesocarpo (flocos) na sede da cooperativa, localizada na Rua Getúlio Vargas, 1113, Bairro Laranjal, Esperantinópolis – MA. A farinha do mesocarpo é vendida pela própria cooperativa para várias cidades da região e para fora do estado, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro.



A produção da farinha do mesocarpo de babaçu é feita inteiramente pelas mãos das quebradeiras de coco, sem a utilização de insumos agrícolas. O coco é colhido recém caído das palmeiras, ainda maduro (ou até mesmo derrubado pela quebradeira de coco). Em seguida, as mulheres retiram a casca e secam as lascas do mesocarpo em estufas. Após a secagem, o mesocarpo é processado, transformado em farinha e embalado.

A farinha de mesocarpo é produzida dos flocos extraídos de uma parte do babaçu que fica após a casca (epicarpo) e antes da parte mais dura do coco (endocarpo), onde se localizam as amêndoas. É uma farinha bastante usada em preparos de pães, bolos, biscoitos, mingaus e para encorpar molhos.



Imagem 14: Partes do coco babaçu.
Fonte: Silva et. al (2019).



Imagem 15: Coco babaçu
Fonte: Elaborada pela autora (2023)



Imagem 16: Farinha do mesocarpo
Fonte: assema.com.br

Quebradeiras de coco que trabalham nos núcleos da COOPAESP são, em parte, sócias da cooperativa e sindicalizadas no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR), mas há também aquelas que são apenas associadas à cooperativa.





Consolidando a aprendizagem

- 01 Construa um breve resumo sobre a Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis (COOPAESP), destacando a importância da atuação dos núcleos nas comunidades do Assentamento Palmeiral-Vietnã.



Vamos trabalhar com a história oral?

A história oral é uma metodologia da História que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevista oral.

As quebradeiras de coco a partir da década de 1980 têm se mobilizado “pela garantia da posse da terra, e pelo acesso e preservação de palmeiras de babaçu” (Barbosa, 2019, p. 203).

- 02 A proposta é a turma fazer uma visita ao núcleo da COOPAESP de Palmeiral para conversar com as quebradeiras de coco sobre o trabalho que elas realizam. Registre aqui o resumo de suas descobertas para as discussões em sala de aula.





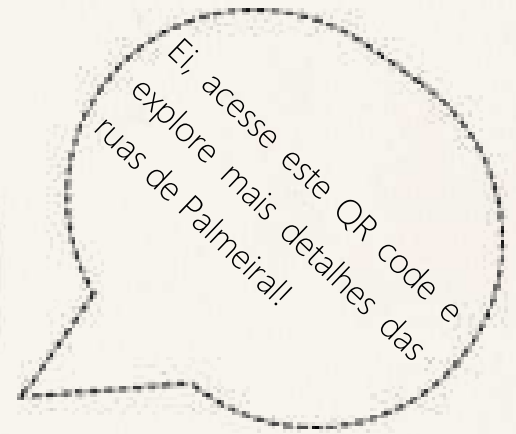
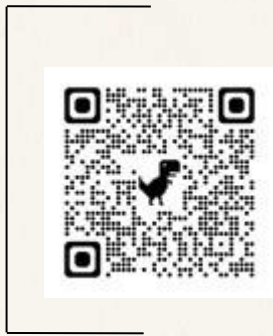
Imagem 17 – Orla da comunidade Palmeiral
Fonte: Elaborada pela autora (2023)

A Comunidade Palmeiral

A comunidade Palmeiral foi fundada na segunda metade da década de 1940, fica a 9 km da sede de Esperantinópolis e conta com uma média de 400 famílias. Seu primeiro morador foi o trabalhador rural Antônio Cairara, natural de Pedreiras-MA, que, procurando por terras de qualidade para lavouras, desbravou Palmeiral. Às margens do Rio Mearim, em maio de 1948, Antônio Cairara encontrou o tipo de terras que procurava, percebendo ali matas virgens e densas, com muitos coqueiros e águas do rio (água em abundância).



Imagem 18: Comunidade Palmeiral
Fonte: <https://www.google.com/maps>



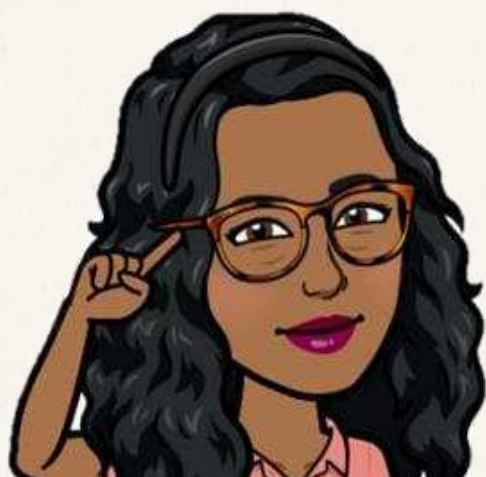
Ainda no ano de 1948, atendendo ao convite de Antônio Cairara, chegaram, em Palmeiral, Panta Leão, Luís Cairara, Antonio Barbosa, Raimundo Nonato e Pedro Pinheiro. Construíram as primeiras casas da comunidade às margens do rio Mearim, onde atualmente há uma ponte conhecida como ponte do Cairara (que fica próxima à cerâmica).



Tomaram posse do local acompanhados de suas famílias, nomearam o local como Palmeiral, por haver muitas palmeiras. Com o grande número de palmeiras de babaçu, o coco, ao lado do plantio de roças de arroz, milho, feijão, etc., assumiu destaque na economia da comunidade a partir da década de 1950, quando aumentaram consideravelmente as migrações nordestinas. Com o extrativismo do coco babaçu, as mulheres passaram a contribuir mais na renda da família.



Quando chegaram em Palmeiral, em 1948, os(as) primeiros(as) moradores(as) preocupados com a alfabetização de seus filhos, construíram uma escola de taipa e resolveram eles(as) mesmos(as) pagarem professoras para ensinarem as crianças, então chamaram Camila e Maria Lousa, que, aceitando alfabetizar os filhos dessas famílias, tornaram-se as primeiras professoras de Palmeiral.



As duas professoras moravam em Teresina-PI, eram leigas, mas tiveram sucesso em alfabetizar aquelas crianças.

Logo chegaram outras famílias/pessoas que também contribuíram para o crescimento de Palmeiral, ficando marcadas na história da comunidade como personalidades importantes no desenvolvimento da comunidade, por exemplo, Zuca Guedes, Manoel Roberto de Abreu, Antonio Ferreira, Antonio Batista, Raimundo Torota, Bentivi, Manoel Felix da Silva, Filomena Rocha da Silva, Benedito Thomaz, Cândida, entre outros.



Imagem 19: Praia de Palmeiral, década de 1980
Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br>



Imagem 20: Vista parcial de Palmeiral, década de 1980
Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br>



Imagem 21: Vista parcial de Palmeiral, década de 1980
Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br>

A mensagem de que Palmeiral era um lugar com oportunidades de crescimento, graças à abundância de recursos naturais, espalhou-se rapidamente, despertando expectativas que levaram emigrantes de outros municípios do Maranhão e de outros estados, principalmente do Piauí, Ceará e Pernambuco, a buscarem a região, a fim de prosperar.



Isso fez a comunidade crescer a ponto de se tornar, atualmente, a maior comunidade rural de Esperantinópolis-MA, contribuindo fortemente para o desenvolvimento econômico do município.



Com o crescimento de Palmeiral, a população começou a reivindicar educação pública ao governo municipal. Em 1956, houve a construção do primeiro prédio escolar de ensino público nessa localidade, o primeiro prédio da Escola Municipal Jefferson Moreira.

Já o prédio atual da escola foi construído em 1984, pelo prefeito Natal Jovita Carneiro. No início, atendia as séries iniciais do Ensino Fundamental e, em 1989, o prefeito Henrique Muniz ampliou o atendimento na Escola Municipal Jefferson Moreira para as séries finais do Ensino Fundamental.

Os primeiros professores que trabalharam no prédio novo da escola foram: Mariano de Oliveira, Belza, Nazaré, Genizinha e Odila Feitosa. Em 1997, na gestão do prefeito Francisco Jovita, e estando na direção da escola a senhora Gicélia Carneiro de Carvalho, foi construído um prédio anexo da Escola Municipal Jefferson Moreira, localizado na mesma rua do prédio matriz, Rua Adriano Rodrigues.



Imagem 22: Matriz da Escola Municipal Jefferson Moreira
Fonte: Elaborada pela autora (2023)



Imagem 23: Anexo da Escola Municipal Jefferson Moreira
Fonte: Elaborada pela autora (2023)

A Escola Municipal Jefferson Moreira foi legalizada pela Lei Municipal 242/98, em 17 de dezembro de 1998. Seu nome é uma homenagem ao deputado Jefferson Rodrigues Moreira, que auxiliou na efetivação do processo de emancipação política de Esperantinópolis, concretizado em 27 de junho de 1954, quando deixou de pertencer ao município de Barra do Corda.



Olha só, deixo uma curiosidade aqui!
Acessando este QR code você encontra
a lista de todos os prefeitos de
Esperantinópolis com o período de
mandato
de cada um.

A Escola Municipal Jefferson Moreira teve em sua direção geral os seguintes gestores, na sequência de atuação: Raimunda Batista Miranda, Midian Saldanha da Silva, Mailde Vieira, Gilmar Lima Nunes, Gicélia Carneiro de Carvalho, Josilene Pereira dos Santos, Claudia Alves de Lima, Maria Virgem Gomes de Almeida e, desde 2019, Francisca Cleacema Miranda Duarte Magalhães.

Como a maior comunidade rural de Esperantinópolis, Palmeiral tem a segunda escola com o maior número de alunos(as) no município, sendo a maior da zona rural e a escola que atende mais alunos(as) no Assentamento Palmeiral-Vietnã (uma média de 350 estudantes).

Os(as) alunos(as) da Escola Municipal Jefferson Moreira são de Palmeiral e de comunidades vizinhas, pertencem a famílias de trabalhadores(as) rurais que vivem da agricultura (cultivo de roças) e da quebra do coco babaçu, da criação de pequenos animais, da extração de areia, e da pesca.



A economia na região é baseada em atividades de trabalho do setor primário. Outrora, Palmeiral também contava com a extração de pedra e a extração do barro. O turismo e o comércio são fortes na economia local.

Há pessoas que fazem parte do quadro de funcionários públicos, há pescadores, que recebem seguro defesa, os aposentados, os funcionários da cerâmica (fábrica de tijolos). Há ainda aqueles(as) que recebem o bolsa família como complemento à renda e os(as) que encontram neste auxílio sua única fonte de sobrevivência.

A conquista do assentamento do qual Palmeiral faz parte foi um ganho para as famílias da comunidade, que passaram a ter mais lucros e a terem projetos de melhoria individual e coletiva, como aparece nos discursos de assentados(as), os quais falam da liberdade de plantar e de ganhos que a comunidade em geral teve com o assentamento e com a organização da associação dos(as) trabalhadores(as) rurais assentados(as).



Entrevista:

"Ah, teve uma grande mudança pra gente, né? A gente já passou a ter aquela liberdade. Trabalhar, poder plantar um...Um pé de banana e saber que ali...Era nosso ali. Porque ninguém podia fazer isso, né? Em terra dos outros. Um pé de banana, uma mandioca, alguma coisa. A gente planta e sabe que tá lá, graças a Deus! [...]. A gente pode quebrar o coco, tirar o azeite, fazer todo nosso serviço. Ali sem ter ninguém te ameaçando [...]. Nas terras aleias era complicado, pessoa ficar adulando fazendeiro. E essa era a pior coisa" (Entrevistado(a) H).

"O benefício mais importante, serviu para toda a comunidade. Não só pra o povo da luta pela terra, mas para toda a comunidade, foi esse poço. [...] A água, que hoje nós temos [...] foi através dessa associação." (Entrevistado(a) A).



Toda a comunidade Palmeiral foi beneficiada com a conquista do assentamento e cada subárea organizou sua associação de moradores(as) assentados(as), assim conseguiram benfeitorias, como é o caso do poço artesiano em Palmeiral.

Antes desse poço artesiano, que ainda hoje é o único na comunidade, a população local bebia água retirada diretamente do Rio Mearim, e sem nenhum tratamento específico. Aqueles(as) que tinham filtro colocavam a água para a filtragem, os que não tinham apenas deixavam a água por horas em vasilhas para assentar qualquer sujeira, a fim de ser consumida depois.



Imagem 24: Poço artesiano de Palmeiral
Fonte: Elaborada pela autora (2023)

O poço ficaria localizado fora da comunidade, mas, em consenso, os(as) associados(as) decidiram que ele ficaria no povoado Palmeiral para que assim mais pessoas fossem beneficiadas com água de qualidade.




Consolidando a aprendizagem



01 Após os(as) primeiros(as) moradores(as) de Palmeiral se estabelecerem na comunidade, quais atitudes eles(as) tomaram para solucionar o problema da educação de seus(suas) filhos(as)?

02 Como você explicaria o nome da escola da comunidade Palmeiral, a Escola Municipal Jefferson Moreira.



 Vamos trabalhar com mapa mental?
O mapa mental é uma estratégia para organizar, de maneira visual, ideias, informações e pensamentos; uma técnica de estudo que ajuda a consolidar a aprendizagem.

03

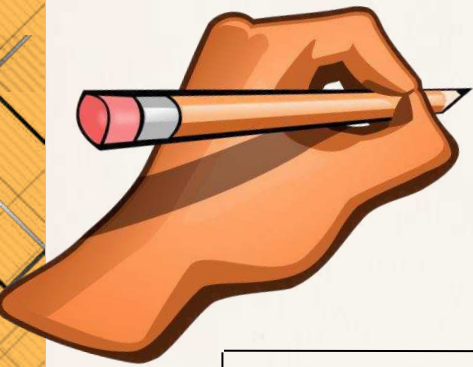
Observe o mapa mental abaixo. Veja com atenção, pois ele ajudará a construir o seu.



Fonte: <https://recantodahistoria>

Você já sabe como se organiza um mapa mental e sabe que é uma técnica importante de estudo. Agora chegou a hora de você construir um mapa mental demarcando o que você aprendeu na primeira seção deste Caderno Didático. Depois apresente sua produção para a turma.





LUTA PELA TERRA NO ASSENTAMENTO PALMEIRAL-VIETNÃ

Imagem 25: Paiol de arroz no Assentamento Palmeiral-Vietnã
Fonte: Arquivo do STTR

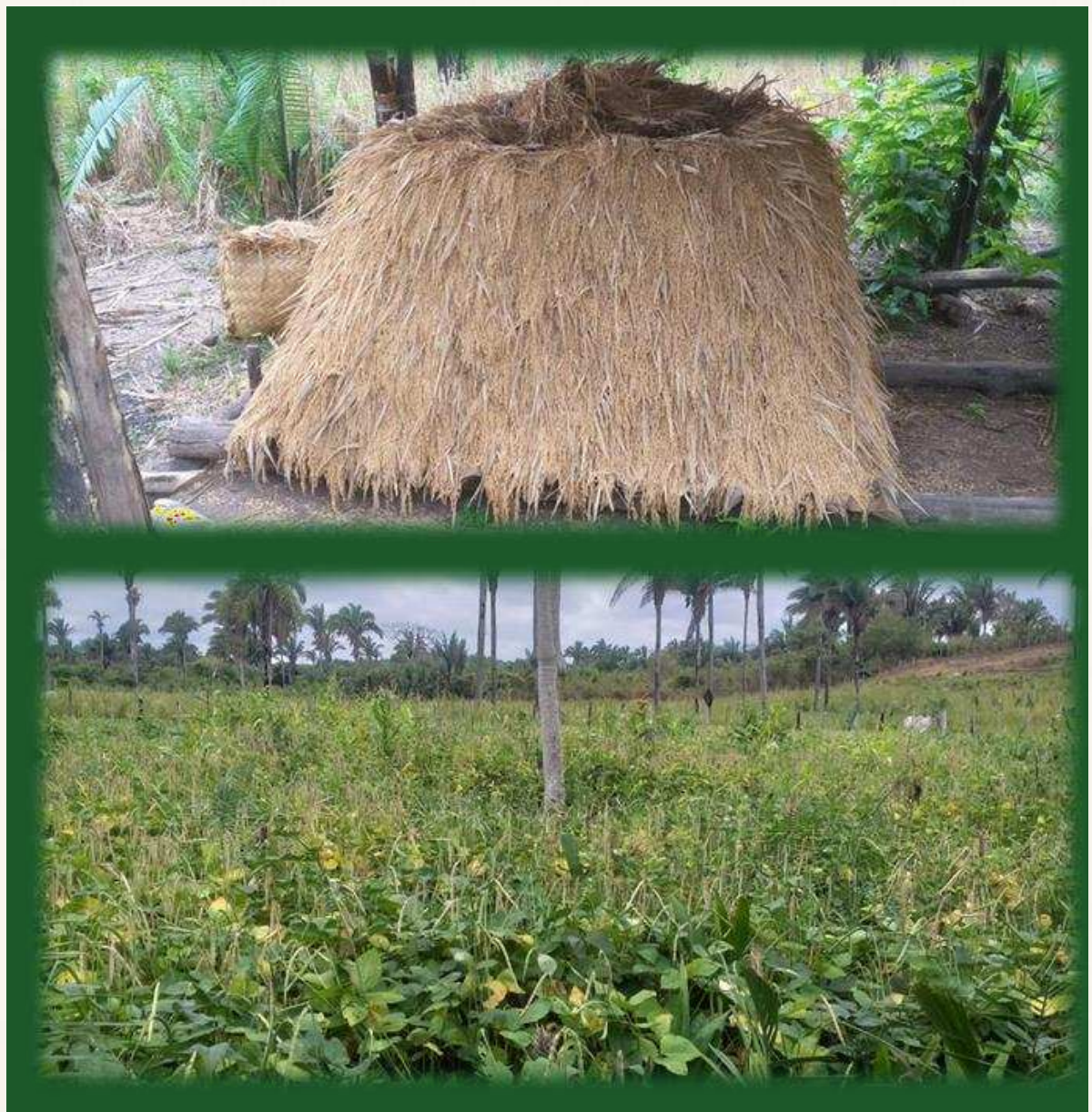


Imagem 26: Plantação de feijão no Assentamento Palmeiral-Vietnã
Fonte: Arquivo do STTR



Imagem 27: Homens trabalhando na terra
Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Narrativas da luta pela terra: constituição do Assentamento

A luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã, assim como em todas as áreas onde houve conflitos agrários no município de Esperantinópolis-MA, foi inspirada em lutas de municípios vizinhos, por meio da articulação dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STRs).

Os(as) trabalhadores(as) rurais, que eram massivamente homens, participavam dessas interações, inspiravam-se na luta pela terra de Lago do Junco, nas comunidades de Centro do Aguiar e Ludovico, na luta pela terra nos povoados de São Luís Gonzaga do Maranhão, e na luta em São José dos Mouras, Lima Campos.



As lideranças sindicais eram convidadas a conhecer o movimento e a aderirem, despertando os camponeses de Esperantinópolis-MA a identificarem áreas não produtivas e a lutarem pela terra.

Dentre essas lideranças, estavam os senhores Valdir Fernandes Araújo (conhecido como Seu Valdir da Dona Ester) e Lourenço Moura de Oliveira (conhecido como Seu Louzinho do Sindicato), que trouxeram a proposta de luta pela terra para o Assentamento Palmeiral-Vietnã.

Por meio do STR, na segunda metade da década de 1970, Valdir e Louzinho participaram de uma reunião em Lago do Junco, na qual os(as) trabalhadores(as) rurais estavam lutando pela desapropriação de uma fazenda para que tivessem direito à terra.



Imagem 28: Sr. Valdir Fernandes Araújo
Fonte: Arquivo de família assentada

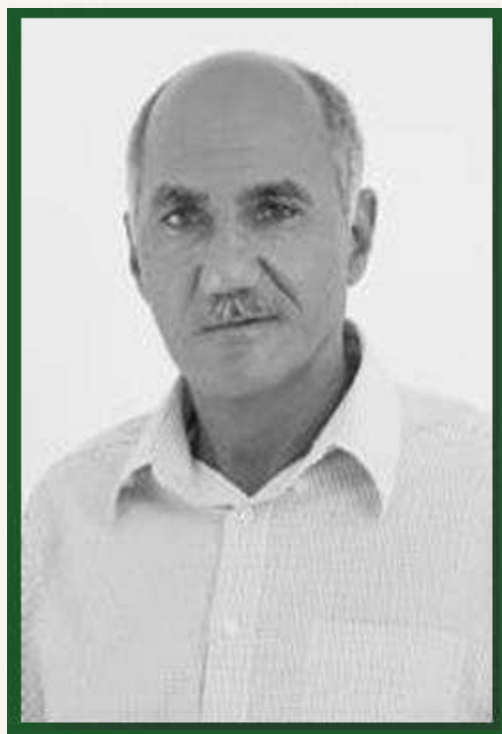
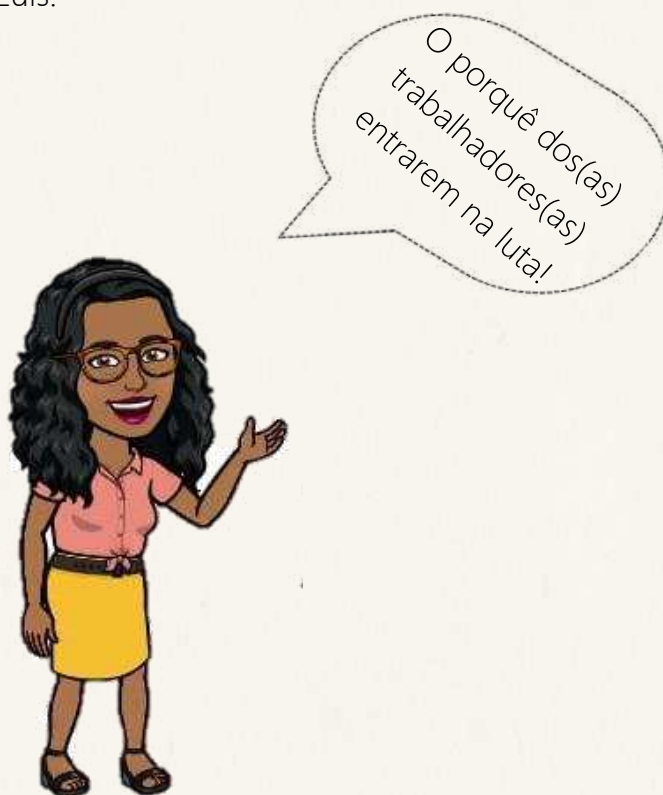


Imagem 29 – Sr. Lourenço Moura de Oliveira

Fonte: <https://eleicoes.poder360.com.br>

Mesmo com grande incerteza, ao retornarem de Lago de Junco, Valdir e Louzinho começaram a conversar com cada um(a) dos(as) camponeses(as) que trabalhavam na fazenda de Chico Gomes. Daí começaram as primeiras reuniões da luta pela terra em Palmeiral, que gerou abaixo-assinado, documento levado por Valdir à sede do INCRA, em São Luís.




Os(as) trabalhadores(as) rurais se dispuseram a lutar pela terra, porque precisavam da terra para garantir o sustento de suas famílias e, nessa época, era comum os fazendeiros, além de cobrarem aluguel da terra, tomarem as pequenas propriedades rurais, expulsando os(as) camponeses(as) de seus territórios, como é esclarecido na narrativa a seguir.



Entrevista:

“Lutar pela terra era primeiro uma questão de mostrar a forma de buscar o sustento. Porque era um período bem complicado até mesmo para alimentar as próprias famílias. Ou os trabalhadores se organizavam em um movimento para pegar o pedaço de terra para a produção da agricultura familiar para o sustento das famílias deles, ou o fazendeiro ia botar todo mundo para fora. Eles iam ter que sair dessas áreas porque o fazendeiro ia cercar e ia tomar de conta. A gente tem exemplo em Esperantinópolis de fazendeiros que tomaram várias pequenas propriedades dos nossos agricultores. Depois foi que o movimento sindical conseguiu retomar através da justiça, da luta pela questão do direito, a questão de ter um pedaço de terra, depois foi que o movimento conseguiu de volta. Mas muitos agricultores na década de 70, década de 80, foram expulsos das pequenas propriedades pelos fazendeiros.” (Entrevistado(a) B).



No relato acima, o(a) entrevistado(a) enfatiza a agricultura familiar como essencial para o sustento dos(as) camponeses(as). Mas, você sabe o que é agricultura familiar?






IMPORTANTE:

Agricultura familiar - É um modo de vida diferenciado, que se caracteriza pela forma de organização dos meios de produção sustentável, assim, a alimentação saudável é o principal e não a lucratividade acima da saúde. Envolve práticas de plantio, cultivo e criação de animais, com respeito ao meio ambiente, à vida humana e aos demais seres vivos; preserva a fauna e a flora brasileira.

Dentre as atividades da agricultura familiar, que eram desenvolvidas pelos(as) trabalhadores(as) rurais na área territorial que Chico Gomes dizia ser dono, estava o extrativismo do coco babaçu, o plantio de arroz, feijão, milho, macaxeira, fava e outros. Sobre os desafios das quebradeiras de coco para a realização de seu trabalho para garantir o sustento da família, encontramos relatos de como eram tratadas:



“Nesse período, vivemos humilhadas pelo dono da terra. Uma vez os vaqueiros dele me acharam no mato quebrando coco. Estávamos eu, minha irmã e uma vizinha. Eles levaram nosso coco quebrado e ainda tomaram nossos machados. Quando saíram, disseram que se vissem a gente de novo roubando coco, iam botar os cachorros na gente”. (Quebradeira de coco, povoado Bom Princípio).

Fonte: Veloso (2019, p. 46-47).

Todas as atividades desenvolvidas por homens e mulheres eram dificultadas pelos vaqueiros de Chico Gomes. As roças, principal trabalho realizado pelos homens, acontecia com prejuízos desde a fase do broque. Muitas vezes após brocar, o vaqueiro chegava e dizia que não era para colocar roça ali naquele local.

Tinha casos em que o trabalhador já tinha brocado uma semana e tinha que parar todo o processo para iniciar tudo outra vez em outro lugar determinado pelo vaqueiro. Além disso, se reclamasse, ficaria sem colocar roça e não teria comida pra botar em casa. Eram muitos os prejuízos e a sensação de trabalho perdido! Ainda tinham prejuízos após o plantio:



"[...] Você botava aquela roça ali, quando o arroz já tava grande e o bicho pisando dentro, pisando e você correndo atrás de gado. Gado invadia paió de arroz depois de panhado. Rapaz era um absurdo. E a gente toda vida falando rapaz será possível uma coisa dessa? Até que chegou a conclusão de ninguém aguentar mais. [...] rapaz é o seguinte da agora pra frente nós vamos botar roça e se o gado chegar dentro nós vamos é matar. Aí os que tinham mais coragem atiravam nos gado. Isso foi um negócio muito sério." (Morador do assentamento/Comunidade Palmeiral).

Fonte: Santos (2022, p. 95)

Os homens, assim como as mulheres, eram ameaçados(as) constantemente, principalmente quando começaram a organizar os documentos necessários para lutar pela desapropriação das terras no INCRA.



Entrevista:

“O fazendeiro vinha com os pistoleiros para dentro do assentamento, passava na casa de cada um e dizia assim, se entrar de novo a gente vai matar” (Entrevistado(a) B).

As lideranças da luta pela terra eram ameaçadas diariamente, viviam se escondendo, não se sentiam seguras em lugar nenhum. Muitas vezes saiam de suas comunidades para a sede de Esperantinópolis à noite, escondidos e a pé, como é narrado por um homem que vivenciou experiências de angústia e medo.



Entrevista:

“Era uma situação muito difícil. Quando eu ia para Esperantinópolis ou para São Luís resolver as coisas da desapropriação das terras, ia sem saber se voltava. Eu saía daqui a noite, de pé, às vezes com alguns companheiros, mas às vezes só. Quando escutava zuada de carro me escondia no mato, tinha medo, porque eu era ameaçado de morte. Quando amanhecia eu já tava longe. Lembro que uma vez que eu fui em São Luís, lá no INCRA, eu estava tão nervoso, que bati assim no birô, derramou a cinza do cigarro do doutor Rodrigues, que estava em cima do cinzeiro, caiu em cima do birô. Doutor Rodrigues disse, o senhor tá nervoso!? Eu falei, de mais doutor, aí eu pedi desculpa, e disse, eu tô desse jeito aqui, e lá onde que eu moro, imagina como eu fico.” (Entrevistado(a) F).

A igreja católica e o STR da época foram fundamentais para o início e continuidade da luta pela terra. O sindicato nasceu dentro da igreja católica, a primeira reunião aconteceu no salão paroquial, assim são parceiros e atuavam em defesa dos(as) trabalhadores(as).



O padre Raimundo Jorge de Melo estava na direção da igreja católica articulando os movimentos sociais da luta pela terra, na década de 1980. Segundo narrativas de moradores(as) do assentamento, foi quem mais deu apoio aos trabalhadores(as) rurais. A igreja era o ponto de articulação e refúgio nos conflitos com os latifundiários.

Entrevista:

“Quando tinha algum problema, que os latifúndios queriam matar os agricultores, a igreja era o lugar de proteção. Nesse período, as pessoas tinham coragem de se organizar em movimentos coletivos. E aí juntavam 500 pessoas na frente da igreja para proteger quem estava sendo ameaçado de morte, que no caso ficava escondido dentro da igreja, e as pessoas que iam, o pessoal escapando, ficavam todo mundo dentro da igreja” (Entrevistado(a) B).

Padre Jorge é visto como um homem de coragem e muito determinado, arriscou a própria vida para defender os ideais de justiça e direitos humanos dos(as) trabalhadores(as) pelo acesso à terra. Antes de ser transferido de Esperantinópolis, recebeu um ajudante paroquial, o padre Sebastião Oliveira Sousa, o qual abraçou o posicionamento político de luta e humanidade, honrando o legado de Padre Jorge.

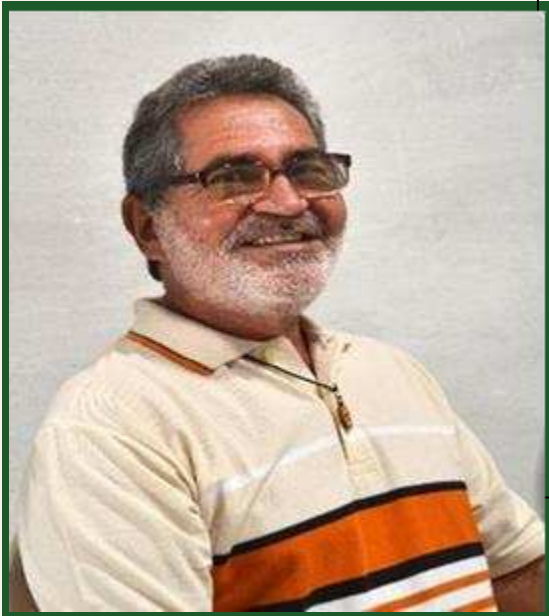


Imagem 30: Padre Sebastião Oliveira Sousa.
Fonte: Arquivo de João Israel da Silva Azevedo.

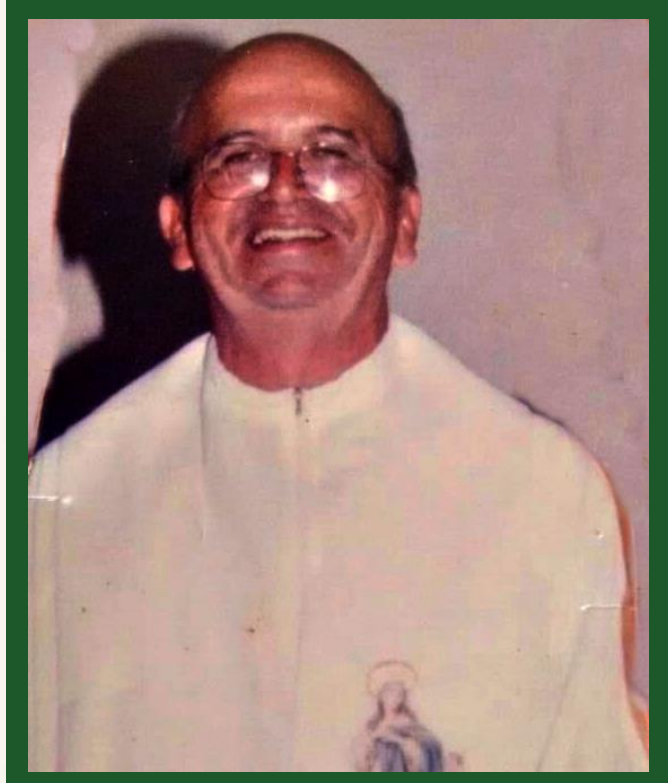


Imagem 31: Padre Raimundo Jorge de Melo
Fonte: <https://sandrovagner.com.br/sao-luis>.

Entrevista:

"A participação do sindicato e da igreja na luta pela terra foi ativa desde o começo do movimento, davam o suporte que era possível, reuniam as pessoas, conversavam com autoridades buscando apoio para os(as) camponeses(as) "traziam pessoas de outros municípios, de outras religiões, para fazer um número grande de pessoas, até para evitar que o fazendeiro chegasse e tivessem poucas família e aí os pistoleiros matassem"
(Entrevistado(a) B).

Nesse processo, era possível reunir um número significativo de pessoas para proteger a casa de quem corria mais riscos de ser atacado.

Gente, apesar de todo o apoio do sindicato e da igreja, os(as) trabalhadores(as) precisavam ser vigilantes diariamente, pois uma decisão errada poderia ser fatal, pondo em risco principalmente a vida dos que eram líderes do movimento.





“Uma vez o fazendeiro Chico Gomes, dono da terra, nos convidou para uma reunião no colégio da comunidade de Mangueira. O convite era apenas para as lideranças de cada comunidade. Nós, que estávamos em quatro pessoas, decidimos que não íamos sozinhos. Assim, convidamos todos os homens de nossas comunidades para a reunião. Fomos todos a pé para lá. Quando a gente olhou, vimos o carro dele chegando. Quando parou, desceu um e puxou uma lona e a gente viu que o carro estava cheio de policiais armados. Nesse momento, saiu uma turma de homens de dentro da escola com facas, foices e facões. Acuados, resolveram sair em fuga. Se tivéssemos ido apenas os que foram convidados, hoje estaríamos todos mortos” (Liderança sindical de Bom Príncipe).




Fonte: Veloso (2019, p. 48)

Nesse momento de maior intensidade do conflito, o Decreto de Desapropriação (Nº 96.243, de 30 de junho de 1988) já havia sido publicado, fato que despertou a raiva do fazendeiro, que mandou trazer do Ceará carradas de gado para soltar nas terras e acabar com as roças dos(as) trabalhadores(as).


Os estragos nas lavouras foram imensos, os gados pisavam e comiam tudo que encontravam. Foi aí que, como forma de resistência, alguns lavradores homens se uniram e decidiram matar o gado de Chico Gomes. Mataram muito gado, traziam a carne do animal para a comunidade e consumiam com seus familiares.

Na memória local, aparece a informação de que matavam o gado encorajados por políticos, como a deputada estadual Conceição Andrade, o deputado federal José Carlos Sabóia, e o então governador do Maranhão, João Alberto Souza.



IMPORTANTE: João Alberto Souza foi governador do Maranhão no período de 3 de abril de 1990 a 15 de março de 1991. Antes disso já aparece como um nome de apoio à luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã. Ocupou o cargo de vice-governador de 15 de março de 1987 a 3 de abril de 1990.

Além dessas personalidades políticas, o advogado Elias Elói de Sousa também apoiou os agricultores na luta pela terra, encorajava os homens a matarem o gado de Chico Gomes, dizendo que, caso fossem presos, atuaria em sua defesa.



Para não haver mais matança de gado, o próprio fazendeiro desistiu da ideia de manter o gado acabando com as roças e retirou seu rebanho do território. A partir desse momento, os conflitos foram cessando e o processo de constituição do assentamento foi se consolidando.

A luta continua até hoje, porque os(as) assentados(as) não têm o documento formal de seus lotes. Mesmo estando de posse da terra, não possuem o título, o documento que garante direitos legais sobre a terra, que comprova serem donos das terras onde moram e trabalham.

É por isso que a luta continua. Recentemente, o STTR conseguiu uma empresa autorizada pelo INCRA, a G A Projetos e Consultoria Ltda, para cuidar do registro dos lotes e resolver o problema da documentação.



No mês de junho de 2023, a empresa começou a realizar seu trabalho com vistas a agilizar o título provisório de cada lote do Assentamento Palmeiral-Vietnã. O processo é extenso, uma vez que o trabalho deve ser feito em todos os 180 lotes. E, a partir daí, a pessoa/família tem dez anos para solicitar o título definitivo, dado pelo cartório.



Antes mesmo que os funcionários da empresa chegassem ao assentamento, os(as) moradores(as) se reuniram e produziram blocos de concretos para ajudar na demarcação dos limites dos lotes. Em cada dia marcado, a produção aconteceu em uma comunidade diferente.



Imagem 32: Produção de blocos de concretos
Fonte: Arquivo do STTR (2023)



Imagem 33: Resultado de um dia de produção
Fonte: Arquivo do STTR (2023)

Essa produção foi articulada com as associações de moradores(as) e o STTR, juntamente com as famílias assentadas, um trabalho coletivo como tem sido historicamente a prática dos(as) camponeses(as) no Brasil. Com o título definitivo em mãos, o(a) dono(a) do lote pode conseguir financiamentos bancários para fazer benfeitorias nas terras. O lote pode ser utilizado como propriedade para a família toda e, sabendo disso, as famílias assentadas estão auxiliando na demarcação para que os documentos das terras sejam conquistados o mais rápido possível.



Imagem 34: Demarcação dos lotes
Fonte: Arquivo do STTR (2023)



Imagem 35: Demarcação dos lotes
Fonte: Arquivo do STTR (2023)

A atuação coletiva dos(as) trabalhadores(as) assentados(as) é fundamental para o desempenho dos órgãos envolvidos na realização do processo de titulação dos lotes.



Vamos consolidar o que aprendemos?



Consolidando a aprendizagem

01 Contextualize como se deu a idealização da luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã.

02 Qual foi a reação e decisão de Chico Gomes com a publicação do Decreto de Desapropriação de Nº 96.243, de 30 de junho de 1988?

03 Por que a igreja católica e o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais foram fundamentais para o início e continuidade da luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã? E como se deu a ação do padre Raimundo Jorge de Melo nesse processo?





Imagem 36: Amêndoas de coco babaçu
Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Memórias de assentados(as) da comunidade Palmeiral

A organização da luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã começou na comunidade Palmeiral. Inicialmente eram poucos os que acreditaram e aderiram à causa, depois foi aumentando significativamente o número de pessoas, homens e mulheres, na luta pela desapropriação do imóvel rural, a fazenda de Chico Gomes.

Entrevista:

“Quando nós começamos a luta aqui, era só uns cinco homens, era difícil, tinha muitos que não acreditava, me chamavam de louco e de mentiroso. Depois os que tavam na luta iam conversando com outros e fazendo eles entender que era possível e que nós tinha direito de lutar pela terra, aí só foi aumentando a gente para lutar com nós, aí a gente foi crescendo o grupo. Foi engrossando, foi engrossando. Quando terminou, tava em umas trinta e tantas pessoas. [...] Quando começou a luta, eu fui pra São Luís. Cheguei lá e dei entrada nos papéis, pra desapropriar a terra. Aí veio o fiscal do INCRA pra fiscalizar a terra” (Entrevistado(a) F).


Valdir e Louzinho do Sindicato foram os idealizadores da luta pela terra no assentamento. Agora destacamos alguns nomes dessa comunidade que estiveram ativamente durante todo a luta: Zé Batata, Félix e sua esposa Filomena, Nonato Caneta, Toinho da Longa, entre outros.

Um momento marcante na história da luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã foi o período em que ocorreu a matança do gado de Chico Gomes. Alguns trabalhadores rurais que mataram os animais foram presos, ainda assim continuavam destemidos pela causa.



Entrevista:

“Ainda chegou e ter pessoas presas, mas eu não estava aqui. Eu cheguei e soube que estavam presos. Um que se chamava Zaqueu. Você conhece Zaqueu? Zaqueu que mora em Poção de Pedras. Foi preso, ele e o Luizão foi preso. Eu estou dizendo porque quando eu cheguei eles me encontraram, sabe? Porque eu vivia trabalhando fora, no Rio de Janeiro nesse tempo, porque aqui não tinha como sustentar a família”
(Entrevistado(a) G).




Apesar da união de famílias camponesas de Palmeiral, parte dos(as) moradores(as) não concordavam e não participavam da prática de matar o gado de Chico Gomes. Alguns atuavam pelo direito à terra, apoiando na logística, contribuindo financeiramente para o deslocamento dos líderes para reuniões fora do assentamento, acolhendo os técnicos do INCRA, ajudando estes a fazerem a marcação da área dos lotes.



Entrevista:

"Agora, assim, na luta pela terra o meu esposo sempre estava lado a lado com os outros trabalhadores rurais. Só teve um ponto que ele não entrou no tipo da luta, que muitos entraram e ele não entrou, por que nós somos evangélicos, ele achou que não era certo. Foi na hora de abater os animais alheios e tá comendo. Os animais do fazendeiro, né? Aí, isso aí não foi... Mas, ajudava em tudo, nós em tudo, nós ajudava com dinheiro para as viagens que era preciso fazer, como para São Luís resolver as coisas no INCRA, nós hospedava o técnico do INCRA, meu esposo ia ajudar fazer os variantes quando tavam fazendo a medição do terreno, tudo, tudo nós ajudava" (Entrevistado(a) H).

Independente de como aturam na luta pela terra, todos(as) afirmam que conseguir a posse da terra foi algo muito importante porque era uma necessidade para a sobrevivência.



A partir da constituição do assentamento, em 1992, começaram a receber fomentos, por meio do INCRA e do Governo Federal, através de projetos realizados pelo STTR, ASSEMA e a associação de moradores(as), que trouxeram melhorias para a região, como o poço artesiano, a estrada de acesso, caminhão, habitação rural, reforma de casa, projetos para diversos plantios, para criação de gado, galinha, porco, peixe, entre outros.

O primeiro projeto com o qual foram beneficiados foi o de um filtro de água, para tratarem a água que era retirada diretamente do rio. Cada família recebeu um filtro. Logo em seguida conseguiram arames farpados para cercarem os lotes. Nas imagens abaixo, aparecem Valdir e Ester (casal) com o filtro que receberam e ainda possuem (guardam como recordação das conquistas) e os(as) trabalhadores(as) reunidos(as) para receberem os arames.



Imagem 37 - Valdir e Ester com o filtro
Fonte: Elaborada pela autora (2023)



Imagem 38 -Trabalhadores(as) aguardando os arames
Fonte: Arquivo de família assentada

As famílias assentadas conseguiram fomento para a construção de casas, que deveriam ser construídas dentro dos lotes, mas a maioria, ainda hoje, não mora nos lotes, os quais utilizam apenas para o trabalho, retornando ao final do dia às suas casas, na sede da comunidade Palmeiral. Alguns também receberam fomento para a reforma de suas moradias.



Os fomentos são projetos para que as famílias assentadas consigam viver no assentamento. É a aquisição de benefícios financeiros ou de bens, como o poço artesiano e a estrada. São quase sempre repassados pelo INCRA, tendo a participação de outros órgãos, como, por exemplo, o Banco do Nordeste.

A associação de assentados(as) de Palmeiral também conseguiu um aviamento para a produção de farinha com o plantio da mandioca. O aviamento ou casa de farinha é onde a mandioca é transformada, local no qual homens e mulheres desenvolvem suas habilidades técnicas para a produção de farinha.

Nas imagens 39 e 40, constam moradores(as) comemorando a inauguração da casa de farinha da associação de Palmeiral.



Imagens 39 - Comemoração da inauguração do aviamento/casa de farinha
Fonte: Arquivo de família assentada



Imagens 40 - Comemoração da inauguração aviamento/casa de farinha
Fonte: arquivo de família assentada

CURIOSIDADE

Passando para contar que o aviamento/casa de farinha da associação de Palmeiral ficava no lote que, antigamente, era do Sr. Gedeão, atualmente do Sr. Gonçálinho.



A partir de 1992, com os fomentos financeiros aos assentados(as) e a assessoria da ASSEMA, as mulheres começaram a participar em maior quantidade dos movimentos regionais. O objetivo principal das mulheres era o núcleo da COOPAESP, já mencionado na primeira seção deste Caderno Didático.

Conseguiram alcançar o que desejavam, fundaram uma associação com mais de 20 mulheres, mas depois o grupo foi perdendo forças e acabou se dispersando. Na imagem 41, aparece uma das primeiras reuniões das mulheres com o Sr. Valdir repassando orientações da ASSEMA.



Imagem 41 - Reunião com as mulheres
Fonte: Arquivo de família assentada

As pioneiras nos movimentos de mulheres, também fundadoras do núcleo da COOPAESP em Palmeiral, foram: Filomena Rocha da Silva, Maria Brito de Araújo, Maria Alberta da Silva e Delzuite Teodoro da Silva. As mulheres também organizaram uma horta coletiva em um dos lotes do assentamento, mas logo pararam, pois o empreendimento não deu certo.



Entrevista:

“A luta das mulheres era boa as mulheres se reuniam muito, mas depois fracassou também acabou com tudo [...]. Ali do matador até ali na beira do rio foi nós que pegamos aqui atrás de terra ali ele tirou uma parte para um grupo de mulheres uma associação de mulheres 20 e poucas mulheres que tinha” (Entrevistado(a) J).

Um dos projetos de plantio fomentado pelo INCRA também não deu certo, mesmo os(as) assentados(as) recebendo a ajuda financeira do INCRA e orientações de técnicos da ASSEMA. Trata-se do plantio de bananas. Porém, tem assentado(a) que conseguiu desenvolver seu bananal usando as técnicas que aprendeu nessa formação.



Entrevista:

“[...] A gente andou com o plantio de bananeiro, veio o Jair pra cá, que era o técnico, ele vinha, nós fomos comprar os fios de banana, nós não, ele. Ele ia e comprava num lugar aqui de... Perto de São Luís Gonçalves, agora em São Luís Gonçalves mesmo, ele sempre passava na cidade, eu fui muitas vezes. A gente trazia os fios de banana de lá e plantava aqui, aqui na Lagoinha, todo mundo plantava. É porque o bananal não, ele não foi adiante. No caso do Bananal, ele só presta se ser rigado, sabe? A gente fez pro-

jeto, sabe? Parece que é Procega, o nome do projeto. Procega. Aí veio um homem do banco, o rapaz do banco era fiscal, aí ele chegou dizendo que bananeira só presta rigada. Só se você reunir todo mundo num lugar só, pra fazer o bananal, se não der pra ficar todo mundo, mas pra ele nem dividir em dois grupos, em três grupos, porque a gente é um lugar que não dá pra reunir todo mundo” (Entrevistado(a) G).



Entrevista:

“Aqui meus pais plantam e colhem muitas coisas, acerola, banana, abóbora, horta. Sobre a o plantio de banana o pai aprendeu técnicas importantes por meio do acompanhamento da ASSEMA, digo isso porque eu vejo desde pequena que eles vêm participando da cooperativa, do sindicato e reuniões e participando de algumas capacitações, essa maneira que ele fala de cinquenta por sessenta no plantio da banana [...] isso aí já foi uma capacitação lá atrás no tempo do processo né? Que veio equipe técnica e ali preparou ele, ele hoje tem essa visão, quando ele fala que o outro agricultor não sabia plantar a banana do jeito dele é porque o agricultor lá ele não foi assistido, não teve preparação, não tem o que ele já teve. E aí a concepção dele já ajudou o outro agricultor. Aí que eu coloco a diferença do que é acompanhado pra o que não é. Né?” (Entrevistado(a) C).

As famílias assentadas concordam que nem tudo deu certo, mas comungam da certeza de que a conquista do assentamento sanou muitas de suas necessidades, e que lutaram pela terra por precisarem de um território para suas produções.

Alguns já morreram e seus filhos não quiseram continuar com a terra, acabaram vendendo os lotes, porém, os que ainda estão no loteamento afirmam que foi uma mudança grandiosa na vida de cada um(a), pois deixaram de ser oprimidos(as). Lutar pela terra valeu à pena porque foi uma luta necessária.



Entrevista:

“Isso foi devido à necessidade do trabalhador, a nossa dos... Nós botávamos a roça aqui, só plantávamos o arroz e o milho. Não plantava outra coisa porque o gado comia. E muitas vezes, só punhava a primeira panha do arroz, e a segunda não punhava mais” (Entrevistado(a) D).



Entrevista:

“Mudou assim porque aí nós ficamos tudo livre nós não teve mais perseguição e aí o pessoal conseguiu um projeto para nós no Banco do Nordeste de Pedreiras. Então vai fazer um projeto para comprar estaca para cercar o lote e assim nós fizemos esse projeto todo mundo tirou dinheiro nessa época mais tranquilo” (Entrevistado(a) D).

“Conseguir a terra foi uma felicidade grande, porque só você ter a oportunidade de ter um local de produção para sustentar a sua família, para servir com uma questão do fortalecimento da agricultura, mudou sim. A nossa propriedade, além da minha família, outras famílias também produzem dentro. Inclusive a gente tem uma propriedade que todos os membros da família que querem fazer um bananal, que querem criar um peixe, uma galinha, uma coisa, eles produzem lá dentro” (Entrevistado(a) B).



Entrevista:

“Depois do assentamento. [...] O banco liberou, dinheiro né? O governo também liberou... Recurso. Recurso, empréstimo. Pra gente comprar... Comprar gado primeiro, a nossa primeira cabecinha de gado compramos assim, né? Foi uma coisa boa, né? Com certeza que foi boa. [...]. A cabecinha de gado que temos foi realmente desse tempo, né? Desse projeto” (Entrevistado(a) H).



Consolidando a aprendizagem

01 Por que o período de matança do gado de Chico Gomes é considerado pelos(as) trabalhadores(as) rurais de Palmeiral como um momento marcante na história da luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã?

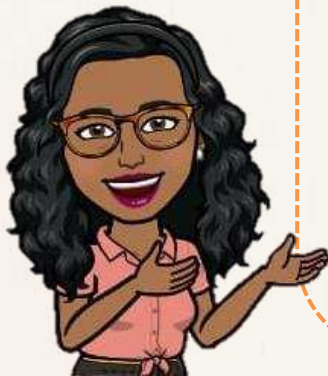
02 Quando as mulheres começaram a participar em maior quantidade dos movimentos dos(as) trabalhadores(as) rurais? O que conseguiram com essa participação?

03

Faça um resumo sobre o que mudou na vida dos(as) trabalhadores(as) rurais assentados(as).



Vamos trabalhar com a história oral?!



Agora você deve fazer uma pesquisa com sua família. Entreviste seus avós, seus pais ou tios, procure saber se tem alguém de sua família que é assentado(a) e participou da luta pela terra no assentamento. Peça um relato sobre como foi esta participação. Caso tenha alguém assentado(a), não esqueça de perguntar o que mudou após ser assentado(a).

04

Faça um breve relatório sobre os resultados de sua pesquisa. Compartilhe suas descobertas com a turma.

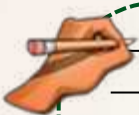


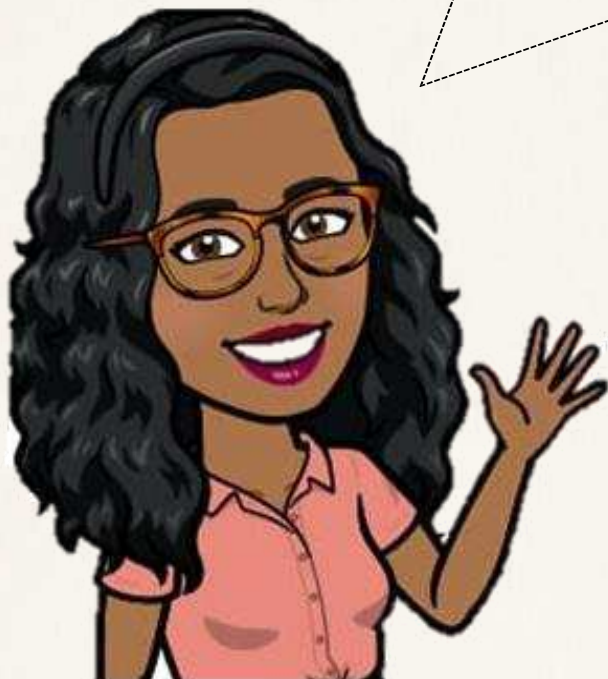


Imagem 42: Plantio de jaboticaba no pomar da família Araújo

Fonte: arquivo da família Araújo (2023)

Agricultura familiar no Assentamento Palmeiral-Vietnã: o caso da família Araújo

Vocês já conheceram a história da luta pela terra no Assentamento Palmeiral- Vietnã, então é hora de aprender um pouco sobre a agricultura familiar nesse assentamento. Vamos lembrar o que é agricultura familiar?! A agricultura familiar é a agricultura de pequenos proprietários de terra, que a cultivam valorizando o meio ambiente, com meios alternativos de trabalho, que é desenvolvido principalmente pelo núcleo familiar.



Como vimos, muitos dos(as) que foram assentados(as) nos lotes no momento da oficialização do Assentamento Palmeiral-Vietnã já não estão mais com a terra, porque a venderam, e a maioria dos que compraram esses lotes são criadores de gado, portanto, não trabalham com o cultivo de plantações.



Ainda há os que vivem na e da terra, apesar de tantos desafios enfrentados cotidianamente, ou seja, a agricultura familiar faz parte do modo de vida de algumas famílias assentadas nesse território. Então, vamos conhecer um pouco sobre o trabalho da família Araújo, que é um exemplo de resistência, de um modo de vida camponês, que valoriza viver do que planta, colhe e cria na sua terra em Palmeiral.

O casal Marinete Lima de Araújo e Claudemir Brito Araújo são os chefes da família Araújo. Ela é quebradeira de coco e ele lavrador e moram no lote do assentamento, que fica a 1 km de distância da sede da comunidade Palmeiral. Eles têm uma filha e um filho, Claudielma e Kaio, que não residem mais com os pais.

Marinete e Claudemir são sócios do STTR de Esperantinópolis. Ele já foi, por dois mandatos, presidente da associação de assentados(as) de Palmeiral, e ela é sócia da COOPAESP. O casal possui dois lotes. O primeiro fica no Assentamento Palmeiral-Vietnã e tem 13 ha (foi inicialmente concedido ao avô materno de Claudemir, João Teodoro de Brito, que depois passou ao neto). O segundo foi adquirido em 1996 e não faz parte do assentamento, mas é próximo da comunidade e tem 10 ha.

No momento, a família conta com 65 bovinos (5 touros, 40 vacas e 20 bezerros), além de 2 suínos, e cria cerca de 60 galinhas e frangos, e 16 patos. Desde 1993, a família cria peixes, hoje em 5 açudes. Pesca os peixes (curimatá, piaui, mandi e cari) no Rio Mearim ou compra peixes (como caranha ou pirapitinga) de produtor do povoado Endrex, em Lago do Junco. Até o final de 2017, a família criava uma média de mil peixes destas últimas espécies.



Imagem 43: Açude no interior da pastagem da família Araújo

Fonte: Porro *et al.*, (2020, p. 23)

O lote conta com uma área em que passa um igarapé e em seu entorno há árvores de Sabiá. Claudemir aproveita os espaços próximos a esse igarapé para cultivar um bananal que “dá banana direto.” Muitos aspectos dessa área favorecem para que a produção seja constante, como o fato de o leito do igarapé ter água o ano todo, os pés de sabiá protegerem as bananeiras, para que não sejam derrubadas pelo vento, além de suas sobras esfriarem a plantação.



Conforme o Sr. Claudemir, o terreno em que ele cultiva o bananal tem características muito boas para se plantar a banana, mas, se não se soubesse as técnicas certas de produção, o bananal não seria tão produtivo. Explica que recebeu orientações de técnicos da ASSEMA e aprendeu o manejo correto. Faz o plantio sempre em novembro, planta em “covas de 50 cm × 50 cm × 50 cm ou 40 cm × 50 cm × 50 cm. Na abertura das covas é feito um amontoado de terra nos quatro lados e, no momento do plantio, se coloca um punhado dessa terra debaixo da muda de banana”

Fonte: Porro et al., (2020, p. 26)



Imagem 44 - Sr. Claudemir no bananal
Fonte: Porro et al., (2020, p. 27)

A família também planta muitos outros tipos de frutas, como cajá, manga, tamarindo, acerola e caju. Destas, Marinete produz polpas usando uma despoldadora instalada na própria residência.



Imagem 45 – Colheita de acerola da família Araújo para a produção de polpas
Fonte: arquivo da família Araújo (2023)

A produção das polpas é repassada ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), assim como as bananas, a macaxeira, a jaboticaba, a melancia, o milho verde, a farinha, entre outras produções da família, também são fornecidas para o restaurante popular de Esperantinópolis.



A família também vende para os(as) moradores(as) de Palmeiral, em feiras tradicionais e na feira da agricultura familiar, realizada pelo STTR três vezes ao ano.




PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR (PNAE)

A Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, determina que no mínimo 30% do valor repassado a estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) deve ser utilizado na compra de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar [...], priorizando os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e as comunidades quilombolas.

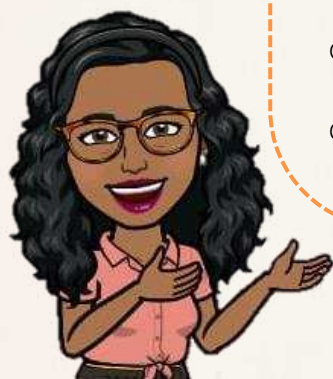
Fonte: Programa Nacional de Alimentação Escolar (2018) *apud* Porro *et al.*, (2020, p. 43).

Sendo quebradeira de coco e sócia da COOPAESP, Marinete desenvolve atividades socioeconômicas com o babaçu, desde a extração do mesocarpo e das amêndoas até o uso do estrume da palmeira para adubar o plantio da horta.



A renda monetária proveniente do extrativismo foi obtida a partir da venda de amêndoas (480 kg comercializados no ano) e de flocos de mesocarpo (100 kg vendidos). Outros produtos do babaçu foram utilizados apenas para o consumo doméstico: 10 L (litros) de azeite, 6 L de leite e 30 kg de sabão produzidos por dona Marinete, que também utilizou quatro latas (20 kg) de paú de babaçu como adubo orgânico. A casca do coco é utilizada para fabricação de carvão, destinado apenas para o consumo [...].

Fonte: Porro *et al.*, (2020, p. 43).



São diversas as atividades desenvolvidas pela família Araújo para viver da terra, porém também enfrentam dificuldades diariamente, como a falta de mão de obra familiar, principalmente para a realização dos trabalhos de roça, o que causa despesas devido à necessidade de contratação de outras pessoas para o cultivo das lavouras.



No ano de 2017, a produção no roçado havia sido de 35 sacos (2.100 kg) de milho, 170 kg de feijão, 180 kg de farinha e 85 kg de fava. Nesse ano, não foi produzido arroz, ao contrário do ano anterior, quando haviam sido colhidos 750 kg. Essa produção representa uma relevante fonte de renda não monetária e, certamente, contribui para que os gastos familiares com alimentação não sejam muito superiores.

Fonte: Porro et al., (2020, p. 43)

Outro problema relacionado ao financeiro da família é o fato de não terem ainda o documento da terra, pois, se já o tivessem poderiam fazer financiamentos bancários visando melhorias nas suas produções e criações. Com todos os desafios enfrentados, a família permanece no lote plantando e criando de maneira sustentável, não faz uso de agrotóxico e conserva uma reserva ambiental com cerca de cinco linhas de terras próximas ao Rio Mearim, no segundo lote.



Imagem 46 - Reserva florestal em terras da família, às margens do Rio Mearim
Fonte: Porro *et al.*, (2020, p. 31)



Consolidando a aprendizagem

01

Para você foi importante conhecer as memórias da luta pela terra na voz dos(as) trabalhadores(as) rurais? Explique.

02

Quais as dificuldades enfrentadas diariamente pela família Araújo?

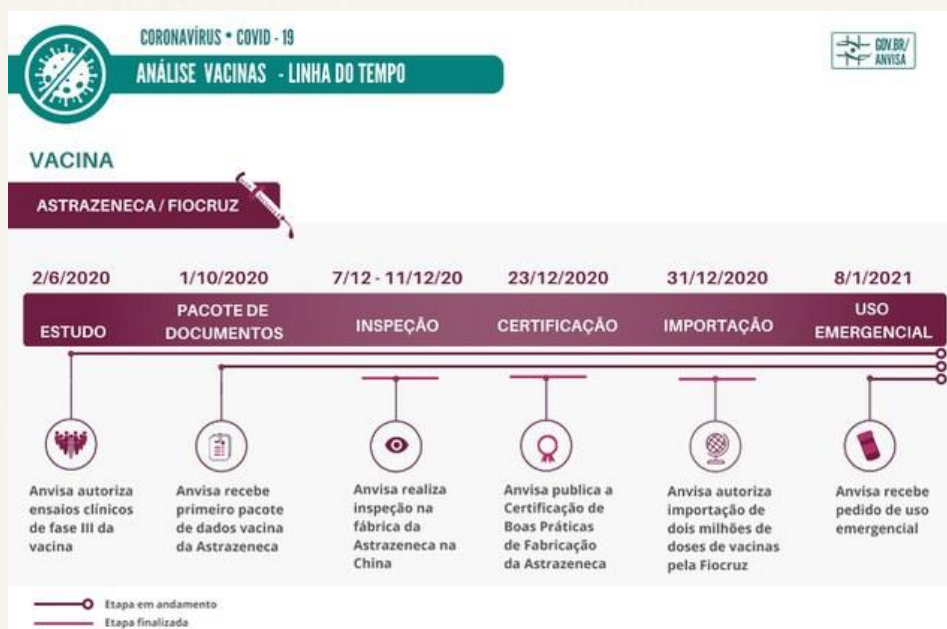


Vamos trabalhar com a linha do tempo?

O objetivo de uma linha do tempo é marcar os fatos e eventos mais importantes em uma ordem linear, de acordo com a data dos acontecimentos.

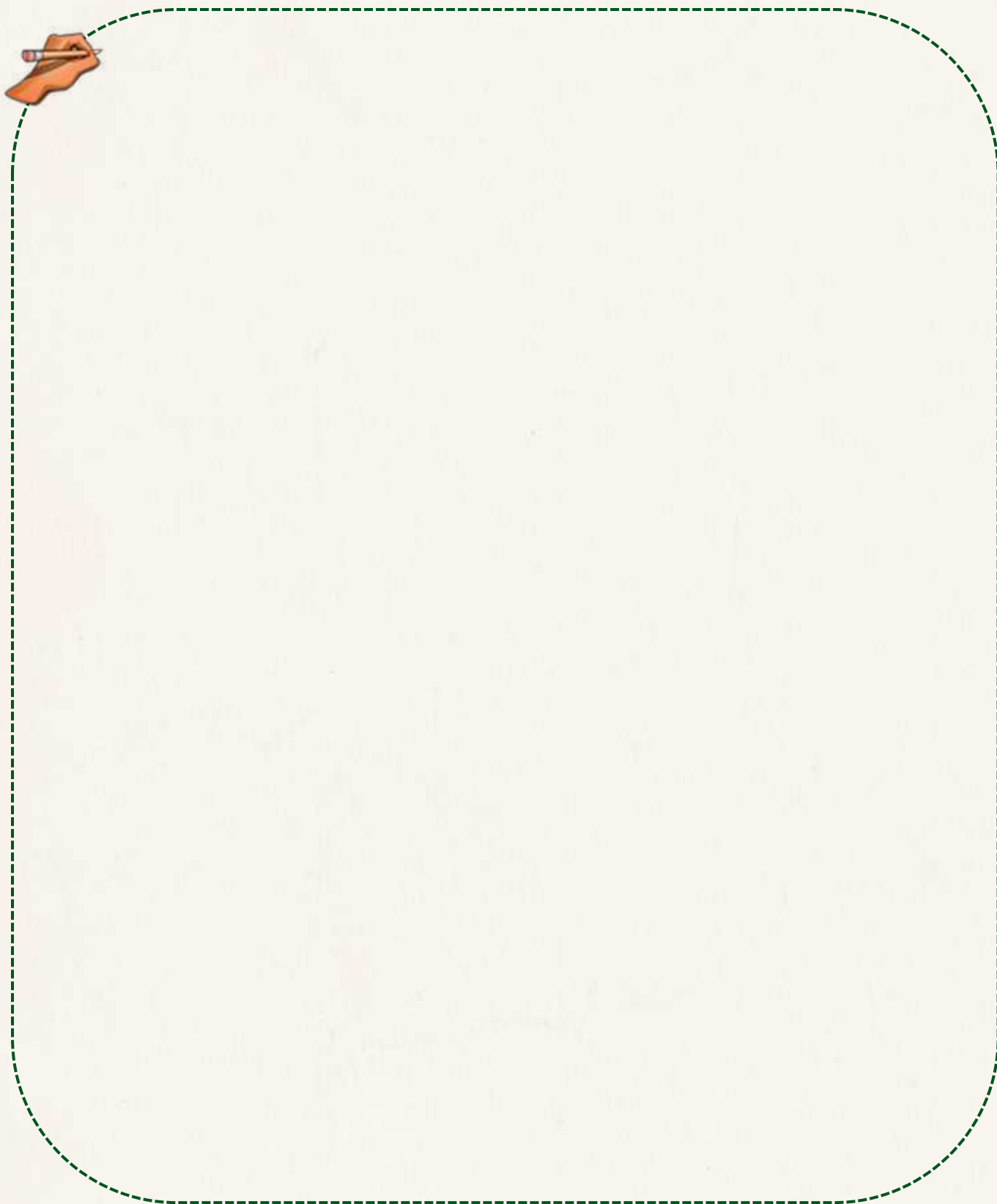
03

Observe um exemplo de linha do tempo, a qual retrata as etapas de uma vacina contra a Covid 19, Astrazeneca/Fiocruz.



Fonte: <https://www.gov.br/anvisa>

Agora é sua vez! Construa uma linha do tempo com as ocorrências mais marcantes no processo de luta pela terra no Assentamento Palmeiral-Vietnã, conforme o que você estudou neste Caderno Didático.



REFERÊNCIAS

Entrevistas

A. R. S. M. Entrevista concedida em 12 de abril de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

B. A. P. Entrevista concedida em 03 de junho de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

C. A. B. Entrevista concedida em 07 de junho de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

C. B. A. Entrevista concedida em 06 de junho de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

E. S. A. Entrevista concedida em 18 de abril de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

J. F. S. Entrevista concedida em 23 de abril de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

J. A. S. Entrevista concedida em 16 de abril de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

M. L. A. Entrevista concedida em 06 de junho de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

M. S. S. Entrevista concedida em 16 de abril de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

M. F. S. Entrevista concedida em 07 de abril de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

V. F. A. Entrevista concedida em 18 de abril de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

Fontes bibliográficas

ALMEIDA, Francisco de. A FÍSICA NA CASA DE FARINHA E UMA VISÃO POPULAR DE ALGUNS CONCEITOS FÍSICOS NA PRODUÇÃO DE FARINHA. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/fisica/a-fisica-na-casa-farinhauma-visao->

popularalgunsconceitos.htm#:~:text=A%20casa%20de%20farinha%20ou,aprendiz%20co m%20os%20mais%20velhos. Acesso em: 02 de março de 2023.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. Mulheres do Babaçu: Gênero, Maternalismo e Movimentos Sociais no Maranhão. Curitiba: CRV; São Luís: EDUFMA, 2019.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. Mulheres do babaçu: Gênero, Maternalismo e Movimentos Sociais no Maranhão. (Tese de Doutorado - UFF). Rio de Janeiro, 2013.

COOPAESP – Cooperativa de Produtores Agroextrativistas de Esperantinópolis. <https://asema.org.br/nossos-produtos/coopaesp/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2023.

ESPERANTINÓPOLIS. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/esperantinopolis/historico>. Acesso: 05 de maio de 2023.

LAGO, Maria Geovana Pereira do; SILVA, Vanessa dos Santos. ESCOLA DO CAMPO E PROJETO POLITICO PEDAGOGICO: Caracterização e análise da Escola Municipal Jefferson Moreira na Comunidade Palmeiral Esperantinópolis – MA. Disponível: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/publicacoes-seminarios-do-gepec/seminarios-de-2013/4-educacao-do-campo-escola-curriculo-projeto-pedagogico-e-eja/d17-escola-do-campo-e-projeto-politico-pedagogico.pdf>. Acesso em: 08 de abril de 2023.

LISTA DE PREFEITOS DE ESPERANTINÓPOLIS. disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esperantin%C3%B3polis>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2023.

OBTENÇÃO DE TERRAS. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/ptbr/assuntos/reforma-agraria/obtencao-de-terras>. Acesso em: 06 de abril de 2023. PEREIRA, Benedito Alves. Entrevista concedida em 17 de abril de 2023, na cidade de Esperantinópolis.

PORRO, Roberto et al. As boas práticas de produção sustentável da família Araújo: Povoado Palmeiral, Esperantinópolis, MA. Brasília, DF: Embrapa, 2020. (Mestres do agroextrativismo no Mearim, 11).

SANTOS, Ligiéria Alves dos. Questão agrária e as experiências da educação do campo nas escolas do Assentamento Palmeiral Vietnã em Esperantinópolis-MA. (Dissertação de Mestrado - UFMA). São Luís, 2022.

SILVA, J.S.; SANTOS, M. L.; SILVA FILHO, E. C., et al. Subprodutos do babaçu (*Orbignya sp*) como novos materiais adsorptivos: uma revisão. Revista Matéria, v.24, n.3, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335823428_Subprodutos_do_babacu_Orbignya_spcomo_novos_materiais_adsorptivos_uma_revisao/download. Acesso em: 10 de julho de 2023.

VELOSO, Léo Jaime Ferreira. A Educação do Campo como possibilidade de efetivação da educação ambiental: uma experiência de intervenção na Escola Municipal Rui Barbosa no Assentamento Palmeiral-Vietnã, Esperantinópolis, MA. (Dissertação de Mestrado - UFRB). Amargosa, BA.



Raimunda de Jesus Matos Silva, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST/UEMA). Especialista em Supervisão Escolar e Orientação Educacional pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Especialista em Educação Especial/Educação Inclusiva pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Especialista em Educação do Campo pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Especialista em Informática na Educação pelo Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Especializanda em Psicopedagogia pela Faculdade de Minas (FACUMINAS). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em História pelo Centro Universitário (FAVENI). Tem interesse de pesquisa nas áreas: Ensino de História, Luta pela terra, Educação do Campo e Educação Especial/Educação Inclusiva. Associada da Associação Nacional de História (ANPUH). Atua como professora da Faculdade de Educação Memorial Adelaide Franco (FEMAF). É professora e supervisora escolar da Escola Municipal Jefferson Moreira. Finalista da 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, no gênero poema com o relato de prática intitulado: utopia de conhecimentos: realidade de conquistas da OLP.

RAIMUNDA DE JESUS MATOS SILVA

